

## 4. ἹΕΡΆ ΓΡΆΜΜΑΤΑ ΝΑ ΛΌΓΙΚΑ ΕΣΤΡΥΤΥΡΑΛ ΔΑ ΠΕ- ΡΪΚΟΠΕ

### 4.1. Α ΠΕΡΪΚΟΠΕ – ΙΝΤΕΓΡΙΔΑΔΕ, ΚΡΪΤΙΚΑ Ε ΤΡΑΔΥΚΆΟ (2Τμ 3,14-17)

#### 4.1.1. ΔελιμιτΆκιΟ και Κοντρυκτυ Ο Δας ΥλιτερΆριας Δα ΠερΪκοπε

a) *ΔελιμιτΆκιΟ Δα υνιΔαΔε C* (2,14–4,5). Ο τημα Δο Δλοκο Β (1,6–2,13) ε predominatemente cristolόγικο. Τρυτα-σε Δε υμια εχρυτακιΟ α Τιμύοτεο παρα ser fiel a Jesus Cristo e sua graça, a exemplo de Paulo: Δι' ἦν αϊτίαν ἀναμιμνήσκω σε ἀναζωπυρεΐν τὸ χάρισμα τοῦ θεοῦ [Por esta razão eu te recordo a reavivar o carisma de Deus] (1,6); τοῦ σώσαντος ἡμᾶς καὶ καλέσαντος κλήσει ἀγία, οὐ κατὰ τὰ ἔργα ἡμῶν ἀλλὰ κατὰ ἰδίαν πρόθεσιν καὶ χάριν, τὴν δοθεῖσαν ἡμῖν ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ πρὸ χρόνων αἰωνίων [que nos salvou e nos chamou a uma vocação santa, não segundo nossas obras, mas conforme seu propósito e graça, que nos foi dada em Cristo Jesus] (1,9); τοῦ σωτῆρος ἡμῶν Χριστοῦ Ἰησοῦ [o nosso Salvador, Cristo Jesus] (1,10); ἐν πίστει καὶ ἀγάπῃ τῇ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ [na fé e amor no Cristo Jesus] (1,13); Σὺ οὖν, τέκνον μου, ἐνδυναμοῦ ἐν τῇ χάριτι τῇ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ [Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus] (2,1); Μνημόνευε Ἰησοῦν Χριστὸν [lembra-te de Jesus Cristo] (2,8). Como se vê, a regência é a pessoa de Jesus Cristo.

No tema do bloco D (4,6-22) o centro é Paulo, ou melhor, o tema é *paulino*, por assim dizer: testemunho e comunicados de cunho pessoal do Apóstolo, com grande destaque aos pronomes pessoais possessivos, em torno de quinze.<sup>174</sup>

A unidade C, relevante à perícopie da expressão ἱερά γράμματα, é um território bem delineado e constituído por um tema polêmico – *a luta contra os falsos mestres e seus ensinamentos* (1,14–4,5). O conjunto de 33 versículos que compõem a unidade C, há nada menos que 21 referências diretas ou indiretas da interferência dos πονηροὶ ἄνθρωποι καὶ γόητες [homens maus e enganadores] na co-

---

<sup>174</sup> v. 6: μου; v. 8: μοι / μοι, ἐμοὶ; v. 9: με; v. 10: με; v. 11: μοι, ἐμοῦ; v. 14: μοι; v. 16: μοι, μου, με; v. 17: μοι, ἐμοῦ; με; v. 18: με.

munidade (cf. 3,13); essas referências podem multiplicar-se, caso se leve em conta a verborragia negativa como mecanismo de defesa aos falsos mestres (cf. nota 338).

b) *Delimitação da perícopie*. É dentro desta polêmica unidade maior que está a pequena unidade da expressão *hiéra grammata*: a perícopie 3,14-17. A finalidade da delimitação da perícopie é tríplice: 1<sup>a</sup>. comprovar o início do texto; 2<sup>a</sup>. identificar em forma literária sua fronteira final; 3<sup>a</sup>. expor seu fator de unidade.<sup>175</sup>

*O início da perícopie*: os temas que antecedem o início da perícopie (3,14) estão fincados em Paulo e sua perseverança em meio às perseguições (3,10-12), e nos impostores com a conseqüência de suas ações (3,13). A partir de 3,14 há uma descontinuidade nos sujeitos e tema: *Σὺ δέ* [Tu, porém], conduzindo a exortação a Timóteo, inclusive recordando suas origens (3,15). Fica patente que houve mudanças, encerrou-se uma idéia e teve início uma outra.<sup>176</sup>

*O fim da perícopie*: em 3,17 altera-se novamente o assunto e o gênero: a nova seção é aberta com um vaticínio sobre o juízo vindouro de Cristo (4,1); não trata mais da formação de Timóteo e seus pares, mas de uma convocação para o anúncio da Palavra e o combate às heresias, tendo como modelo o Apóstolo (4,2-8).<sup>177</sup> Outro artifício literário que marca ou sugere o término da perícopie é a conjunção subordinativa *ἵνα* no v. 17, inserindo ao versículo um sabor de ocaso.<sup>178</sup>

*A integridade temática da perícopie*: não há sinais de que o texto “nasceu da justaposição de elementos”,<sup>179</sup> pelo menos não evidente nesta crítica da constituição. Também não há motivos literários para o texto não produzir, pelos próprios elementos investigados, uma pequena unidade “autônoma” em torno de um tema substancial:<sup>180</sup> *ἱερὰ γράμματα* [as Sagradas Escrituras]. Como elemento central da perícopie, o tema “Escritura”, funciona como aglutinador literário aos de-

<sup>175</sup> Para a crítica da constituição do texto ver: SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, pp. 78-84; SCHNELLE, U. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, pp. 49-50; WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, pp. 84-102; SILVA, C. M. D. *Metodologia de Exegese Bíblica*, p. 68-77; EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, pp. 53-58.

<sup>176</sup> “A linha de demarcação é assinalada pela retomada do apelativo: ‘Você, porém...’ (3,14)” (FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 328).

<sup>177</sup> Os gêneros escapam da simples parênese e flutuam nos moldes de um *paideutikon*: “vaticínio sobre juízo vindouro” (Cf. BERGER, K. *As Formas Literárias do Novo Testamento*, p. 192-193, 331-332).

<sup>178</sup> Cf. WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 86, nota 156.

<sup>179</sup> Na terminologia de SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 81.

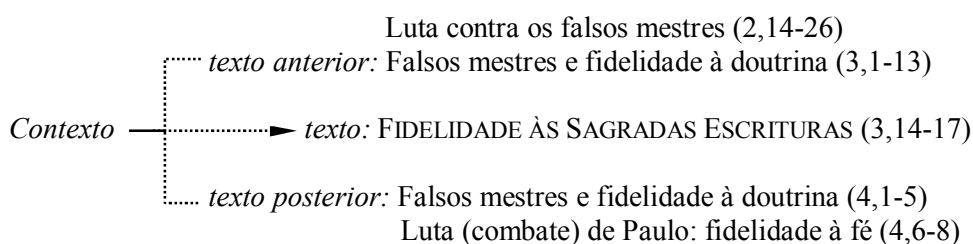
<sup>180</sup> Não se identificam repetições e duplicações injustificadas, tensões e interrupções, incoerências, etc.

mais temas (vv. 15-16). É possível afirmar, com certo grau de segurança, uma sensível integridade literária e temática de 2Tm 3,14-17.<sup>181</sup>

c) *Contexto literário da perícopé*. A perícopé está situada na terceira subunidade do bloco C (3,10–4,5), cujo contexto literário remoto foi abordado acima (2.1.4). O contexto literário próximo, anterior à perícopé, é uma analogia: como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, assim os hereges se opõem à verdade e à fé (3,8-9): “Mas eles não irão muito adiante”, é o veredicto do autor. Mais próximo ainda da perícopé, há uma recordação da perseverança de Timóteo na fé apostólica, a exemplo de Paulo, durante as perseguições e o confronto com os impostores (3,10-13): “eles progredirão no mal, enganando e sendo enganados”, é a dedução do autor.

O contexto literário próximo, posterior à perícopé, é uma exortação à perseverança no ministério, no anúncio da Palavra e na sã doutrina contra os falsos mestres (4,3-4): “alguns não suportarão a sã doutrina (...) Desviarão seus ouvidos da verdade”. A unidade C conclui com uma exortação a Timóteo (4,5): “Tu, porém, sê sóbrio em tudo, suporta o sofrimento, faz o trabalho de um evangelista, realiza plenamente teu ministério”, é a ordem do Apóstolo.

Em ambos os casos, antecedentes e procedentes, o contexto literário próximo à perícopé é a polêmica com os mestres estranhos e seus ensinamentos igualmente estranhos à tradição apostólica. O esquema do contexto do texto:<sup>182</sup>



<sup>181</sup> Enquanto subunidade literária encontramos apoio em COTHENET, É. *As Epístolas Pastorais*, p. 9. “A maioria dos textos epistolares não apresenta problemas de integridade e coesão” (WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 317). DAVIDSON, F. (Ed.). *O Novo Comentário da Bíblia*, p. 1330; BORTOLINI, J. *Como Ler a Segunda Carta a Timóteo*, p. 13; DORNIER, P. *Les Épitres Pastorales*, p. 231.

<sup>182</sup> Cf. modelo em WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 138.

#### 4.1.2. Crítica Textual, Tradução e Segmentação da Perícope

a) *Crítica textual*. O texto grego de Nestle-Aland traz cinco variantes na perícope: três substituições simples e duas omissões simples.

V. 14 – Σὺ δὲ μένεις ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης, εἰδὼς παρὰ τίνων ἔμαθες. No corpo da frase tem o pronome τίνων [quais] no genitivo masculino plural; porém, alguns manuscritos apresentam a variante τινος [quem] no genitivo masculino singular.<sup>183</sup> Talvez seja a variante mais significativa com suporte no aparato crítico, já que o resultado da crítica, segundo interpretações, pode alterar e/ou acrescentar sujeitos. Caso prevaleça a variante, o sujeito singular pode ser apenas Paulo, de quem Timóteo aprendeu a verdade e a fé (cf. 2Tm 1,6.13-14); prevalecendo o plural, o foco desvia-se para a avó e a mãe de Timóteo (também Paulo?) como mestres da fé, o que é coerente com o v. 15: “e desde a infância conhece as sagradas letras”.<sup>184</sup> Além desse raciocínio, as testemunhas que justificam o texto são superiores aos da variante:<sup>185</sup> Testemunhas a favor do pronome τίνων: **Σ** A C\* F G P 33. 81. 1175. 1505. 1739. 1881 *pc* b d; Ambst.; testemunhas da variante τινος: C<sup>3</sup> D Ψ **℞** lat.

As testemunhas do texto da *Novum Testamentum Graece* têm maior atestação múltipla comparada à variante, alguns alexandrinos cujo “arquétipo desta forma pode ser rastreado até o século II/III”;<sup>186</sup> por fim, a maioria das testemunhas a favor do pronome no plural faz parte das mais consistentes e freqüentemente citadas para a Segunda Epístola a Timóteo.<sup>187</sup> Assim, τίνων concorda melhor com o autógrafo.

<sup>183</sup> Cf. SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 96.

<sup>184</sup> BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p. 36; CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 5, p. 394; BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1989, p. 2234, nota 5.

<sup>185</sup> Para uma consulta mais detalhada das variantes: *Testemunhas a favor do texto τίνων*: **Σ** (01), Códice Sinaítico (séc. IV), uncial alexandrino; A (02), Códice Alexandrino (séc. V), uncial Alexandrino; C\* (04), leitura original do Códice Palimpsesto, uncial Alexandrino (séc. V); F (10), Uncial Ocidental (séc. IX); G (012), Uncial Ocidental (séc. IX); P (025), Uncial Alexandrino (séc. IX); Minúsculos, 33, 81, 1175, 1505, 1739, 1881 (séc. IX-XIV); *pc* b d, poucos manuscritos da *Vetus Latina*, 75 (V/VI) e 89 (séc. VIII/IX); Ambst, texto ambrosiano (†397). *Testemunhas da variante τινος*: C<sup>3</sup> (04), leitura do terceiro corretor do uncial C no sexto século; D (06), Códice Claromontano (séc. VI), uncial ocidental; Ψ (044), uncial alexandrino (séc. IX-X); **℞**, os majoritários pertinentes; lat, Vulgata e manuscritos latinos antigos.

<sup>186</sup> EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 47.

<sup>187</sup> *Novum Testamentum Graece*, 1993, Introdução, p. 61. *The New Greek Testament*, 1998, apresenta τίνων como original, mas com um certo grau de dúvida, cf. p. 729, nota 1.

V. 15 – Sinal de omissão simples do artigo τὰ:<sup>188</sup> καὶ ὅτι ἀπὸ βρέφους [τὰ] ἱερὰ γράμματα οἶδας, τὰ δυνάμενά σε σοφίσαι εἰς σωτηρίαν διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ. O Nestle-Aland, no v. 15 da 27ª edição,<sup>189</sup> introduz no corpo do texto entre colchetes o artigo definido τὰ no caso acusativo neutro plural, nas versões anteriores era simplesmente omitido.<sup>190</sup> Tal variante não altera substancialmente o sentido do texto.<sup>191</sup>

V. 16 – Indicação de omissão menor, sem relevância;<sup>192</sup> e uma substituição mais interessante: πᾶσα γραφή θεόπνευστος καὶ ὠφέλιμος πρὸς διδασκαλίαν, πρὸς ἐλεγμὸν, πρὸς ἐπανόρθωσιν, πρὸς παιδείαν τὴν ἐν δικαιοσύνῃ. O texto contém o substantivo ἐλεγμὸν [correção], a variante é o verbo ἐλεγχον [reprovar, refutar] atestada por D, Ψ, ℳ, Cl. Provavelmente, a variante teve origem em uma tentativa de ocidentalizar a leitura, harmonizando-a com os Pais Latinos.<sup>193</sup> As testemunhas do verbo são poucas; na contrapartida, em proveito do substantivo: ℞, A, C, F, G, I, 33, 81, 104, 365, 1175, 1739, 1881 e alguns poucos.<sup>194</sup> A quantidade maior de

<sup>188</sup> a) *As testemunhas que confirmam a presença do artigo definido*: A (02): códice alexandrino (séc.V); C\* (04): leitura original códice palimpsesto ou Efrém reescrito, do tipo alexandrino (séc. V); D<sup>1</sup> (06): leitura com uma primeira correção no sétimo século, uncial ocidental (séc. VI), Ψ (044) uncial alexandrino (séc. IX/X); minúsculos: 1739 (séc. X), 1881 (séc. XIV); e os majoritários pertinentes (ℳ). b) *A omissão do artigo é justificada por ℞* (01): Códice Sinaítico (séc. IV) do tipo alexandrino; C<sup>2</sup> <sup>vid.</sup>: leitura insegura do uncial 04 feita na segunda correção no sexto século; D\* (06): leitura original do Códice Claromontano (séc. VI), uncial ocidental; F (09): uncial ocidental (séc. IX); G (012): uncial ocidental (séc. IX); minúsculos: 33 (séc. IX), 1175 (séc. X); *pc* co – poucos coptas; e Cl: Clemente de Alexandria († 215).

<sup>189</sup> A referência ao número da edição significa que nas anteriores, ou pelo menos a partir da 25ª, houve mudança no texto que influenciou no aparato crítico (cf. *Novum Testamentum Graece*, p. 57 da introdução). O *Novum Testamentum Graece et Latine*, 1951, p. 700, também assegura o artigo τὰ em seu texto.

<sup>190</sup> DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. *The Pastoral Epistles*, pp. 119-120, nota 7: “The lack of an article may be explained by the technical character of the expression [This is corrected in the manuscripts in A C\*. Cf. Philo, *Pôster. C.* 158: ‘in the sacred scripture’ (λέγεται γὰρ ἐν ἱεραῖς βίβλοις); *Rer. div. her.* 106: ‘For it is said in the sacred books’ (ἐν ἱεραῖς γραφαῖς)] – A ausência de um artigo talvez seja explicada pela característica técnica da expressão [Isto é corrigido nos manuscritos em A C\*. Cf. Filon: *De posteritate Caini* 158: ‘na sagrada escritura’; *Quis rerum divinarum heres sit* 106: ‘por isto é dito nos sagrados livros’]”. Cf. DAVIDSON, F. (Ed.). *O Novo Comentário da Bíblia*, p. 1330.

<sup>191</sup> Nossa avaliação que a omissão é fruto de um possível erro inconsciente de algum copista; erro do tipo haplografia ou paráblexis ou até um erro de ouvido, é possível (cf. SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 66).

<sup>192</sup> A conjunção καὶ é omitida em alguns manuscritos, porém não afeta o conteúdo do texto. Uma explicação é oferecida por Bruce M. Metzger, a opinião dele: “Because the word καὶ seems to disturb the construction, it is omitted in several versions and Fathers (vg<sup>cl</sup> syr<sup>p</sup> cop<sup>bo</sup> Origen<sup>lat</sup> Hilary Ambrosiaster Primasius) – Porque a palavra καὶ aparece para perturbar a construção, isto é omitido em várias versões e Padres” (METZGER, B. M. *Textual Commentary on the Greek New Testament*, BIBLEWORKS 7).

<sup>193</sup> Cf. gênese dos tipos de texto: WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 43.

<sup>194</sup> I (016, uncial alexandrino, séc. V), os minúsculos (séc. IX-XIV).

testemunhas, bem como a sua qualidade, leia-se antiguidade, como por exemplo o manuscrito 33,<sup>195</sup> corrobora para versão do texto, ἐλεγγμόν, e não da variante.

V. 17 – As últimas variantes propostas referem-se ao adjetivo ἄρτιος [completo, perfeito] em caso de substituição simples: ἵνα ἄρτιος ᾖ ὁ τοῦ θεοῦ ἄνθρωπος, πρὸς πᾶν ἔργον ἀγαθὸν ἐξηρισμένος. Há duas variantes no aparato. A primeira é o adjetivo τέλειός [adulto];<sup>196</sup> a segunda é um acréscimo ὑγιής τέλειός, acompanhado do adjetivo pode ter o sentido metafórico de “saúde moral ou doutrinária” (cf. Tt 2,8), de “integridade”.<sup>197</sup> No primeiro caso a testemunha, provavelmente, sob influência da versão latina, é o códice D\*;<sup>198</sup> a segunda alternativa sustenta-se apenas por uma leitura (glosa) à margem do manuscrito 104<sup>mg</sup>.<sup>199</sup> A carência de testemunhas das variantes *per se* são argumentos quase suficientes para considerar a opção do Nestle-Aland como a original. As mudanças aparentam proceder de motivações estilísticas e doutrinárias, já que, nos dois casos, há ensejo de “perfeição moral”.<sup>200</sup> Talvez, um esforço do copista em harmonizar a leitura com o restante do *Corpus Paulinum* ou o que se atribui a ele, sendo este um lugar mais confortável ao termo τέλειός (Rm 12,12; 1Cor 13,10; Cl 1,28 e, em especial, Ef 4,13). Além disso, ἄρτιος “não traz qualquer influxo de passagens paralelas. A adaptação a passagens paralelas se explica pelo fato de o copista recordar as expressões de uma passagem paralela que lhe é familiar”,<sup>201</sup> como sugere τέλειός. Então, podem prevalecer aqui dois critérios internos da crítica textual: *lectio difficilior praestat faciliorem et lectio difformis a loco parallelo praestat conformi* – uma leitura mais difícil prevalece sobre a mais fácil e a leitura divergente do lugar paralelo prevalece sobre a que se lhe conforma.<sup>202</sup>

<sup>195</sup> “Os minúsculos 33, 579, 892 e 1241, datados todos de séculos posteriores ao século VIII, remontam, no entanto, provavelmente a originais antigos muito fidedignos, já que pertencem ao melhor tipo de texto, a saber, o alexandrino” (WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, cf. nota 101).

<sup>196</sup> Τέλειός aplicado à pessoa traduz-se por “adulto” (Hb 5,14); no geral: “completeza; acabado, maduro, completo, perfeito” (RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 452).

<sup>197</sup> Cf. SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 152; RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 466-467.

<sup>198</sup> Claromontano sem correções (séc. VI).

<sup>199</sup> Séc. XI

<sup>200</sup> Cf. LOUW, J. E.; NIDA, E. A. (Ed.), *Greek-English Lexicon of the New Testament*, BIBLEWORKS 7.

<sup>201</sup> EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 49 – ἄρτιος é utilizada uma única vez em todo o Novo Testamento ao contrário de τέλειός e seus derivados (cf. sistema de concordância in BIBLEWORKS 7).

<sup>202</sup> SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 64-65. Cf. PISANO, S. *Introduzione alla Critica Testuale dell'Antico e dell' Nuovo Testamento*, p. 32.

Uma primeira constatação sobre a perícopé extraída da crítica textual e da análise de sua composição demonstra um texto que aparentemente não sofreu muitas alterações dos copistas, pois suas variantes não contêm nada que altere drasticamente o conteúdo e seu significado do ponto de vista crítico. É um texto literalmente bem amarrado, estruturalmente coeso e teologicamente definido.<sup>203</sup> Estas virtudes, provavelmente, impossibilitaram os copistas de encontrar muitas brechas, voluntárias ou não, para alterarem o texto.

b) *Segmentação e tradução*. Consideração quanto à tradução. Entre uma tradução literal das palavras (primária e interlinear) e a equivalência dinâmica numa linguagem hodierna (moderna), a opção foi pelo equilíbrio da tradução idiomática.<sup>204</sup> Já no processo de segmentar o texto observou-se a presença verbal e as conjunções de cada lição, levando em conta à análise sintática – orações principais e subordinadas.<sup>205</sup>

#### V. 14

- a – Σὺ δὲ μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης,
- b – εἰδῶς παρὰ τίνων ἔμαθες,
- a – Tu, porém, permanece no que [nos quais] aprendeste e creste,<sup>206</sup>
- b – sabes de quem [dos quais]<sup>207</sup> aprendeste,

#### V. 15

- a – καὶ ὅτι ἀπὸ βρέφους [τὰ] ἱερὰ γράμματα οἶδας,
- b – τὰ δυνάμενά σε σοφίσαι εἰς σωτηρίαν διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ.
- a – e que desde criança as Sagradas Escrituras conheces,

<sup>203</sup> Constatado na crítica da constituição do texto, conferir acima 3.1.4-3.1.5., pp. 34-37.

<sup>204</sup> “É preciso, pois, traduzir de novo e sem cessar o pensamento bíblico na linguagem contemporânea (...) Esta tradução deve contudo, ser fiel ao original, e não pode forçar os textos para os adaptar a uma leitura ou a uma tendência em voga em um dado momento” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 22). Wegner coloca a tradução da *equivalência dinâmica* (funcional) em identidade com a *idiomática*. No entanto, o princípio da dinamicidade é curioso (perigoso?) por haver múltiplos grupos e culturas. Haveríamos, por exemplo, de ter uma tradução ao jovem em geral e outra ao jovem em particular (camponês, litorâneo, urbano)? Algumas traduções não soariam forçadas, banais ou ininteligíveis? Ao contrário, precisamos de uma terceira via, a *idiomática*: que procura respeitar, tanto quanto possível, os padrões da língua culta de determinado idioma como o mais acessível ao maior número de leitores e não a guetos. (cf. WEGNER, U., op. cit., pp. 28-30; SILVA, C. M. D. *Metodologia de Exegese Bíblica*, p. 34; EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, pp. 61-64).

<sup>205</sup> Cf. SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 19; SILVA, C. M. D. et alii. *Metodologia de Exegese Bíblica*, pp. 85-87.

<sup>206</sup> ἐπιστώθης: o verbo se encontra no aoristo indicativo passivo; a partir de seus vocábulos naturais – πιστόω - πιστός - πείθω – poderia haver a seguinte tradução: “confiaste [na fé]”, “obedeceste [na fé]”; ou ainda: “Tu, porém, permanece na fé que aprendeste” (cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, pp. 363; 372-373).

<sup>207</sup> O pronome tem sentido plural, “quais”, cf. crítica textual 4.1.2., p. 57.

b – as que têm poder [poderes, são capazes] de [te dar] sabedoria<sup>208</sup> para a salvação através da fé em Cristo Jesus.<sup>209</sup>

V. 16

a – πᾶσα γραφή θεόπνευστος

b – καὶ ὠφέλιμος πρὸς διδασκαλίαν, πρὸς ἐλεγμὸν, πρὸς ἐπανόρθωσιν, πρὸς παιδείαν τὴν ἐν δικαιοσύνῃ,

a – Toda a Escritura é inspirada por Deus

b – e útil para o ensino, para a persuasão,<sup>210</sup> para a correção, para a educação na justiça,<sup>211</sup>

V. 17

a – ἵνα ἄρτιος ᾦ ὁ τοῦ θεοῦ ἄνθρωπος,

b – πρὸς πᾶν ἔργον ἀγαθὸν ἐζηρισμένος.

a – a fim de que seja perfeito [bem preparado] o homem de Deus,

b – para toda boa ação preparado.

Considerações quanto à segmentação do texto. A finalidade de estabelecer a perícopes em forma de segmento (lições 14 a, 14 b, etc.) é obter um ambiente textual mais regrado à exegese e à análise estrutural: “uma subdivisão do texto em unidades mínimas de leitura permite uma melhor compreensão do conjunto. A atual divisão da Bíblia em versículos não é muito útil para tal objetivo”.<sup>212</sup> Seg-

<sup>208</sup> Duas observações sobre esta lição e sua tradução: a) O verbo δυνάμενά [δύναμαι] encontra-se no particípio presente médio do acusativo neutro plural. Reza a gramática que a “voz média indica que o verbo tem alguma relação especial com seu sujeito” (SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 154), logo a escolha “as que têm poder” (verbo) reflete melhor a relação com “as Sagradas Escrituras” (substantivo-sujeito) do que as demais traduções; ainda: harmoniza melhor com o caso acusativo (cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 138). A opção da TEB, “elas têm o condão”, parece insólita à tradução (BÍBLIA. *Tradução Ecu- mênica da Bíblia*, 1994, p. 1469); b) σοφίαι [σοφίζω] na voz ativa, emite sinal da atividade do sujeito gramatical ἱερὰ γράμματα: quem dá a sabedoria (cf. RUSCONI, C., op. cit., p. 422; SWETNAM, J., op. cit., p. 433). Em confronto está a tradução da CNBB com “comunicar sabedo- ria” – talvez por princípio de equivalência dinâmica (cf. BÍBLIA. *Bíblia Sagrada - CNBB*, 2001, p. 1558; WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 30).

<sup>209</sup> διὰ πίστεως: tanto a preposição quanto o substantivo estão no genitivo, que uma tradução sem enfeites exprime: “através da fé”; uma tradução estilizada gramaticamente orientaria para um “mediante a fé”, explicando melhor um meio ou um agente no sentido figurado de mediação, já que “através da fé” é de bom uso espacial (lugar e distância), “atravesso o leito do rio”; (cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 122).

<sup>210</sup> ἐλεγμὸν comumente aparece traduzido por “repreensão” ou “refutação” (termos com conotação negativa). O termo seguinte, “ἐπανόρθωσις – correção”, pode ser seu correlato (termo com conota- ção menos negativa); assim a escolha por “persuasão” que ἐλεγμός/ἐλέγχω/ἐλεγχος possibilitam e evitam uma certa repetição semântica.

<sup>211</sup> A segmentação do texto é quase auto-explicativa por suas orações principais, subordinadas, verbos e vírgulas. No v. 16, contudo, surge uma questão: apenas o substantivo παιδείνα refere-se à frase τὴν ἐν δικαιοσύνῃ ou todos seus sintagmas também – διδασκαλίαν, ἐλεγμὸν, ἐπανόρθωσιν? A solução pode estar nos casos. Enquanto δικαιοσύνη está no dativo os precedentes estão no acu- sativo, ou seja, ele é o alvo dos demais e todos desembocam em sua direção indicando que a Escri- tura é útil para o ensinar na justiça, persuadir na justiça, corrigir na justiça, educar na justiça. Daí a razão de não separar “para educação na justiça” das demais formas.

<sup>212</sup> EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 55.



mentar o texto – objeto material – ajuda distinguir nele as frases e vocábulos úteis ao objeto formal:<sup>213</sup> a expressão *ἱερά γράμματα* e sua funcionalidade.

## 4.2. DIAGRAMA ESTRUTURAL

Os quatro versículos do texto são construídos com 60 palavras.<sup>214</sup> Uma rigorosa averiguação na estrutura não revelou o famoso esquema concêntrico = quiasmo. Mas, não significa a ausência de nenhuma lógica estrutural. Os elementos do texto se relacionam em conexões paralelas, por identidade semântica, por afinidade sintático-gramatical e por finalidade, ocasionando, em alguns momentos, uma visível simetria.<sup>215</sup> O resultado da análise desprende-se no diagrama abaixo que,<sup>216</sup> por sua vez, desprende-se da análise sincrônica e sintática.

A leitura estrutural da perícopre, bem como seu diagrama, nunca é absoluta. O processo decodificador do conteúdo lingüístico sempre pode desembocar em novas relações.<sup>217</sup> Aqui se demonstra uma opção de leitura semiótica, que é resultado deste trabalho de pesquisa, levando em conta os princípios regentes do méto-

<sup>213</sup> Uma pedagogia exegética paralela pode ser encontrada no manual FEE, G. *Exégesis del Nuevo Testamento*, pp. 23-24.

<sup>214</sup> As 60 palavras são formadas por 15 substantivos; 12 preposições; 10 verbos (04 verbos no aoristo: 02 verbos no aoristo indicativo ativo, 01 verbo no aoristo infinitivo ativo, 01 verbo no aoristo indicativo passivo), 03 verbos no particípio (01 verbo no particípio do perfeito ativo, 01 verbo no particípio do presente médio, 01 verbo no particípio do perfeito passivo), 01 verbo no indicativo do perfeito ativo, 01 verbo no imperativo ativo, 01 verbo no presente do subjuntivo ativo (07 verbos na voz ativa, 02 na voz passiva e 01 voz média); 07 adjetivos; 06 conjunções (01 coordenativa adversativa, 03 coordenativas copulativas ou aditivas, 01 subordinativa causal, 01 subordinativa como infinitivo completivo); 06 artigos; 04 pronomes; casos: 19 casos acusativos, 09 casos genitivos, 10 casos nominativos, 06 casos dativos.

<sup>215</sup> “A análise da composição e estruturação do texto permitem captar a expressividade da disposição dos elementos (...) a estruturação do texto é marcada sobretudo pelos seguintes meios lingüísticos: (...) acúmulo de sinais sintáticos, estilísticos e semânticos (...) partículas...” (EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, pp. 80-81). Cf. SILVA, C. M. D. et. alii. *Metodologia de Exegese Bíblica*, pp. 120-121; WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 91; FEE, G. *Exégesis del Nuevo Testamento*, pp. 53-54. A título de elucidação reproduzimos aqui o comentário da Pontifícia Comissão Bíblica: “Enraizada na cultura semítica, ela [a tradição literária bíblica] manifesta uma forte preferência pelas composições simétricas, graças às quais as relações são estabelecidas entre os diversos elementos do texto. O estudo das múltiplas formas de paralelismo e de outros procedimentos semíticos de composição deve permitir um melhor discernimento da estrutura literária dos textos e assim chegar a maior compreensão de sua mensagem” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 48).

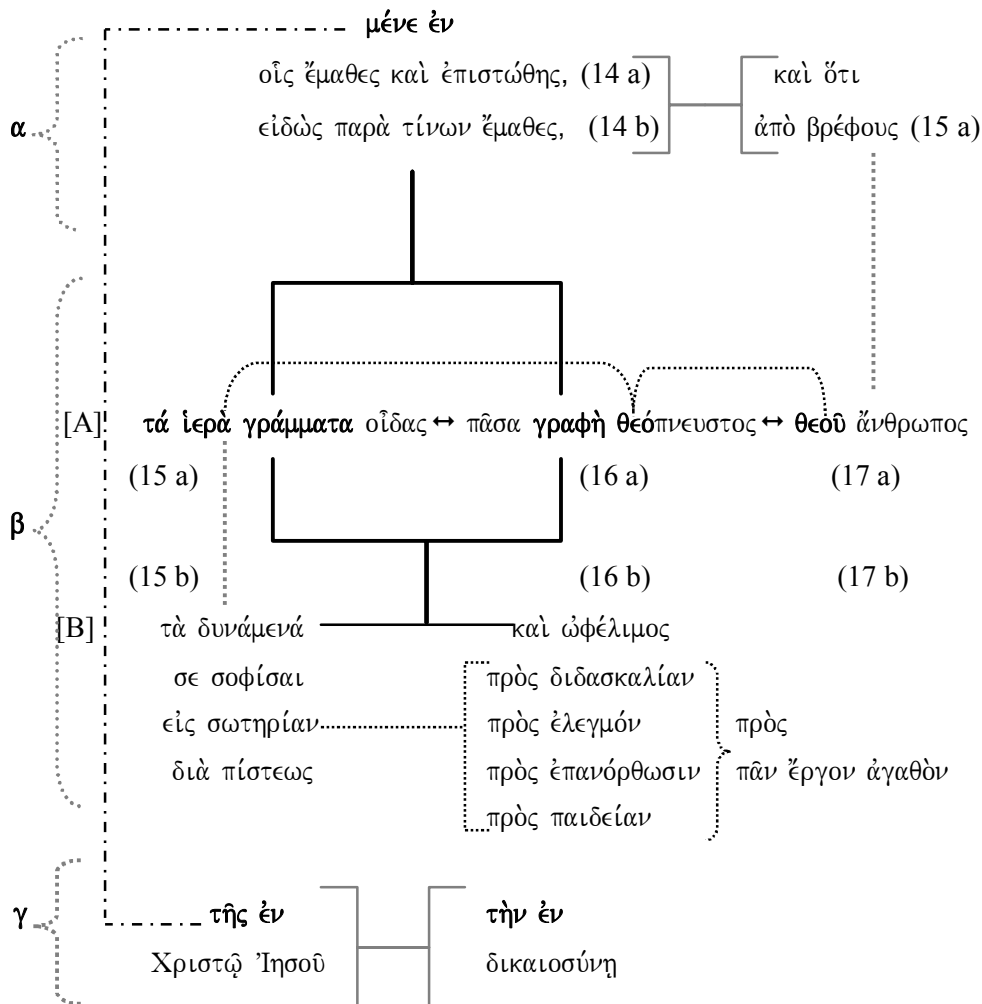
<sup>216</sup> Fee, em seu guia para exegese completa, propõe para desvendar a complexidade do texto fazer um diagrama de suas partes constitutivas, o que, segundo nossa opinião, se revelou extremamente útil na visualização e elaboração dos temas (FEE, G. *Exégesis del Nuevo Testamento*, p. 25). Outro modelo de diagrama, talvez mais complexo, pode ser encontrado em BIBLEWORKS 7.

<sup>217</sup> Cf. EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 92.

do sincrônico.<sup>218</sup> As linhas de referência, apesar das variáveis, servem de guia ao longo da estrutura do diagrama:

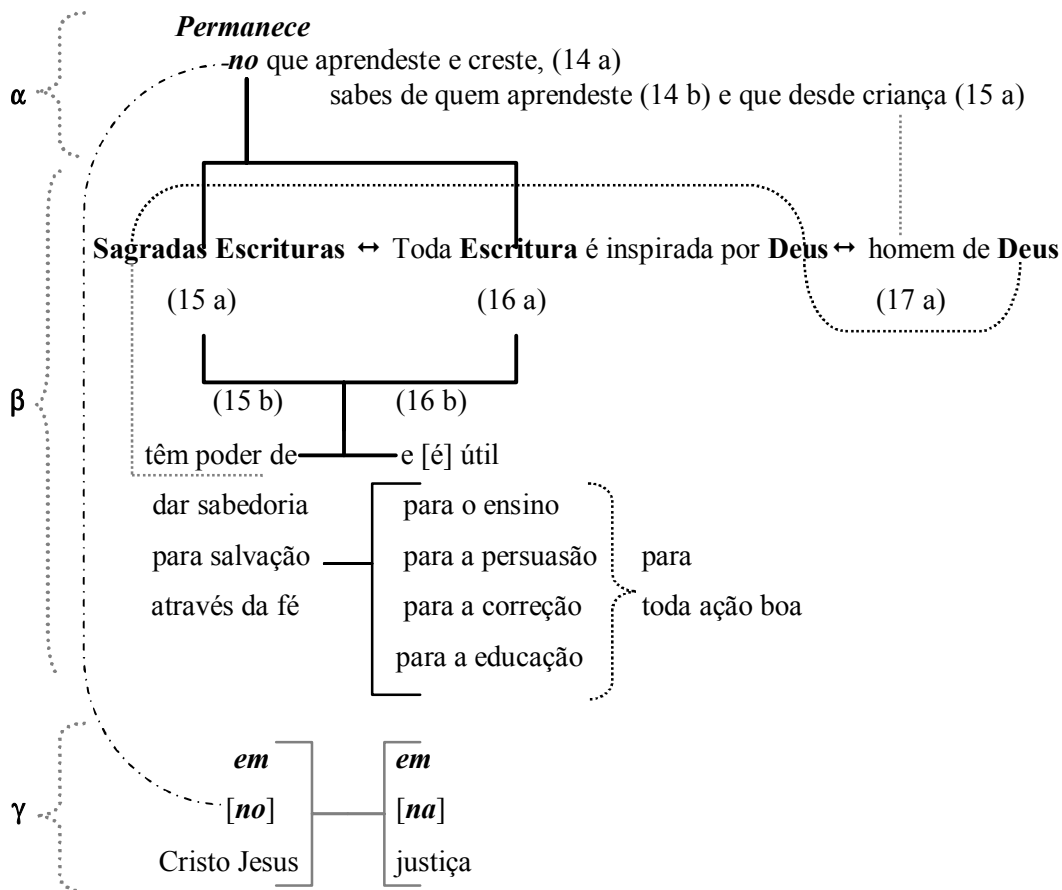
- ⋯⋯⋯⋯⋯⋯ = Linha de demarcação das etapas do diagrama
- ⋯⋯⋯⋯⋯⋯ = Linha mestra do imperativo: abarca toda estrutura;
- = Linha do enquadramento: sintagmas principais (paralelos);
- ⋯⋯⋯⋯⋯⋯ = Linha de relação paradigmática;
- = Linha de relação sintática;
- ⋯⋯⋯⋯⋯⋯ = Linha dos adendos de ligação entre as fases do diagrama.

a) Diagrama, conforme o texto grego:



<sup>218</sup> Estes princípios são os da “imanência do texto (que considera o texto uma unidade em si mesmo, separada de aspectos externos, autor ou leitor [não examinando dados históricos]); estrutura do sentido (que estabelece a rede de relações de elementos do texto...); e a gramática do texto (as regras no conjunto de sentenças que formam o texto)” (FITZMYER, J. A. *A Bíblia na Igreja*, pp. 45-46). Na análise semiótica repousa o “*princípio da imanência*: cada texto forma um conjunto de significados: a análise considera todo o texto, mas somente o texto; ela não apela a dados ‘externos’, tais como o autor, os destinatários, os acontecimentos narrados, a história da redação” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 54).

b) Diagrama, conforme a tradução:



No que tange a disposição dos elementos textuais no diagrama estrutural identifica-se três partes.<sup>219</sup> A primeira – *alfa* (α) – possui a metade da massa verbal que leveda o gênero literário do texto (vv. 14-15 a). A segunda – *beta* (β) – é francamente nominal porque concentra mais de 2/3 dos substantivos:<sup>220</sup> é o núcleo do diagrama, onde está a expressão *ἱερὰ γράμματα*, sua natureza e função (vv. 15-17). O último período do diagrama – *gama* (γ) – é sua “base de sustentação”: formado por elementos sintáticos análogos, singulariza o texto, condicionando-o mediante os dois casos preposicionais.<sup>221</sup> A divisão do diagrama estrutural em três

<sup>219</sup> A nomenclatura das áreas estruturais (α-β-γ) é um recurso didático para facilitar a análise e orientar a leitura do diagrama; o modelo foi inspirado nas estruturas elementares de GREIMAS, A. J. *Semântica Estrutural – Pesquisa e Método*, p. 29. O recurso ao alfabeto grego como sinalizador das partes de um todo é amplamente utilizado no texto massorético (em vers.) e em seu aparato – cf. Sf 3,5<sup>d-d</sup>; Os 6,5<sup>d</sup> (BÍBLIA. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*; FRANCISCO, E. D. F. *Manual da Bíblia Hebraica*, p. 58-59).

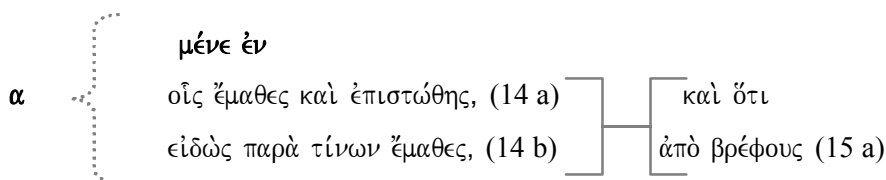
<sup>220</sup> Cf. SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 95.

<sup>221</sup> A pretexto de conceder a análise estrutural alguma plasticidade metafórica, o diagrama pode ser comparado à forma humana. O prelúdio (α) com seu imperativo e seus verbos cognitivos é o *cérebro* da perícopé que comanda a percepção do texto. A primeira parte do núcleo (β) com a forte

partes com suas respectivas características não é apenas virtual, é real sob a ótica da semiótica; há paralelos sintáticos/semânticos/morfológicos, como se exporá a seguir.

#### 4.2.1. Diagrama – Prelúdio (α)

O diagrama está liderado pelos elementos μένε ἐν [permanece em] (14 a): seu efeito imperativo e/ou exortativo<sup>222</sup> perpassa toda estrutura, desembocando seu sentido nas locuções τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ [(a/em) no Cristo Jesus] (15 a) e τὴν ἐν δικαιοσύνῃ [(a/em) na justiça] (16 a), que estão ligadas e relacionadas semioticamente pelos signos τῆς ἐν – τὴν ἐν. Isto explica a linha mestra que envolve o diagrama em todas as suas etapas (α, β, γ). Assim, μένε ἐν [permanece em] significa *permanecer no que aprendeste e creste: nas Sagradas Escrituras inspiradas por Deus, através de Jesus Cristo, cumprindo a justiça de Deus*.



A fase inicial (14-15 a) do diagrama é um prelúdio regido por cinco verbos, sendo μένε [permanece] o princípio e o leme que dá o tom parenético à perícopie. Além da carga verbal, que torna única esta parte da perícopie, ainda há a repetição de ἔμαθες e os paradigmas entre ἔμαθες e εἰδὼς [aprendeste e sabes].<sup>223</sup> Sob determinado raciocínio analítico, há a tendência prematura de querer vincular εἰδὼς (14 b) com οἶδας (15 a), por motivos óbvios. No entanto, não é evidente, necessariamente, anexar a uma cláusula principal outra subordinada: “sabes” está em uma

---

presença das Sagradas Escrituras “inspiradas por Deus” é o *coração* do diagrama, a vida espiritual do texto; a segunda fase do núcleo com suas funções e utilidades são os braços e as mãos que agem no texto, sua capacidade de edificar a igreja. Por fim, a base da estrutura (γ) são *as pernas e os pés – base/fundamento* – da perícopie (cf. Mt 21,42; 1Cor 3,11), pois carregam e conduzem o cérebro, o coração e toda ação das Sagradas Escrituras ao seu lugar natural τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ [no Cristo Jesus], principalmente. Toda comparação é claudicante, porém este exemplo plástico com os argumentos e elementos da estrutura textual, compõem o campo semântico – o tema principal – que funciona como pano de fundo argumentativo para atingir o objetivo do texto e seu contexto (cf. SILVA, C. M. D. et. alii. Metodologia de Exegese Bíblica, p. 74): o combate àquilo que é falso e estranho à identidade da igreja, permanecendo nas Sagradas Escrituras e na fé no Cristo Jesus (cf. 2Tm 3,13.14-15; 4,7).

<sup>222</sup> Sobre a forma e o conteúdo exortativo da perícopie conferir infra 2.3.2. e 4.4.2.

<sup>223</sup> Cf. EGGER, W. Metodologia do Novo Testamento, p. 109.

oração secundária, enquanto “conheces” está em uma oração principal, sendo assim οἶδας é registrado no próximo fluxo do diagrama (β).<sup>224</sup>

O mesmo não ocorre com a frase καὶ ὅτι ἀπὸ βρέφους [e que desde criança] (15 a), atraída ao prelúdio (α). Os motivos desta decisão: primeiro a conjunção subordinativa ὅτι é usada depois de discursos verbais atraindo-a, por assim dizer, a lição 14 a (são cinco verbos); também porque é usada depois de verbos de percepção, que é o caso, para introduzir o conceito de processo,<sup>225</sup> ou seja, o processo de aprendizagem: permanecer no que aprendeu desde criança. Outra razão mais ampla para estabelecer a frase em questão no período α do diagrama é seu estreito vínculo com os verbos que lhe precedem, como contexto semântico e temático da tradição.<sup>226</sup> Um índice para expressar esta posição:<sup>227</sup>

O QUE	➔	QUEM	➔	QUANDO
<i>Permanece</i>		<i>sabes de quem aprendeste</i>		<i>desde</i>
<i>no que aprendeste</i>		<i>Quem ensinou?</i>		<i>criança</i>
<i>e creste</i>		<i>(mestres)</i>		<i>(conheces)</i>

Como se afere, para o funcionamento do texto enquanto estrutura de sentido, uma pequena porção da lição 15 a – καὶ ὅτι ἀπὸ βρέφους – adere melhor semanticamente à introdução do diagrama.<sup>228</sup>

*Primeiro adendo de ligação:* Contemplando a estrutura, percebe-se a conexão entre o final da introdução do diagrama com o seu núcleo, no movimento paradigmático entre βρέφους → ἄνθρωπος, como ponte semântica de α para β.

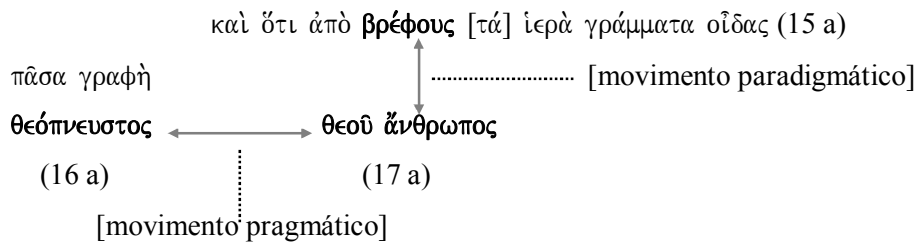
<sup>224</sup> Cf. DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. *The Pastoral Epistles*, p. 119.

<sup>225</sup> Cf. FRIBERG, B. FRIBERG, T. MILLER, N. F. *Analytical Lexicon of the Greek New Testament*, em BIBLEWORKS 7.

<sup>226</sup> Cf. *infra*, 5.1.4., p. 114 ss: análise da tradição de fé das Escrituras e sua função transmissiva.

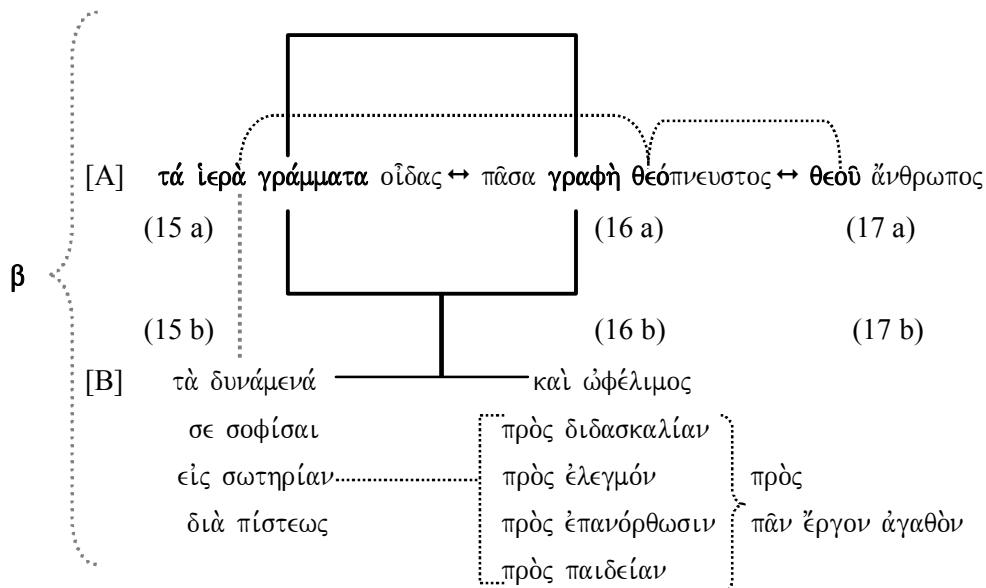
<sup>227</sup> Na compilação do índice e conteúdos do procedimento de análise semântica textual, o esquema proposto por Egger é: *o que acontece – quem (fala ou age) – a quem – quando – por quê*; sendo assim, é natural aproximar καὶ ὅτι ἀπὸ βρέφους desta primeira fase do diagrama / estrutura (cf. EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 97).

<sup>228</sup> “A Análise Estrutural é uma gramática do discurso, isto é, de todo o texto que vai além da frase (...) o que interessa, portanto, é o funcionamento do texto” (VV. AA. *Iniciação à Análise Estrutural*, p. 8.)



A conexão é, por um lado, paradigmática – “criança” e “homem” são paradigmas de “pessoa humana” –, e, por outro, pragmática na intenção componencial da soma dos elementos semânticos.<sup>229</sup> Em linguagem estrutural forma-se o argumento: desde criança, permanecendo e conhecendo as Escrituras inspiradas por Deus, torna-se um homem de Deus. A força desta interpretação dos componentes e seu caráter funcional são ainda mais realçados por ἵνα ἄρτιος ἦ ὁ τοῦ θεοῦ ἄνθρωπος – ἀπὸ βρέφους [a fim de que seja perfeito (bem preparado) o homem de Deus – desde criança] (17 a com 15 a).

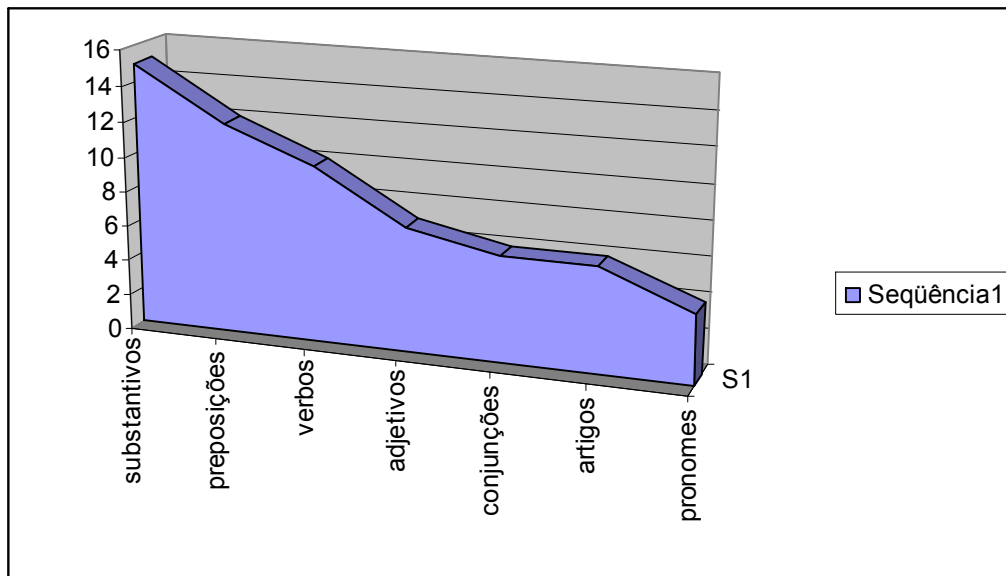
#### 4.2.2. Diagrama – Núcleo (β)



O núcleo do diagrama (β), formado respectivamente pelos PARALELOS DAS LIÇÕES “A” E “B” (15 a // 16 a // 17 a + 15 b // 16 b // 17 b), é denso e equilibrado: denso pela carga de substantivos, 12 no total; equilibrado por ter 06 substantivos em cada versículo (v. 15 e v. 16). Outro apurmo textual é a quantidade de adjeti-

<sup>229</sup> Cf. EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 109, 111 e 116.

vos nos vv. 16 e 17, num total de 03 cada um. O número de substantivos em detrimento dos verbos contribui para o tipo de texto da perícopre: argumentativo.<sup>230</sup>



A) *Paralelo das lições 15 a // 16 a // 17 a*: Na topografia do “terreno textual” os substantivos estão no topo do gráfico, sendo que (ἱερὰ) γράμματα e γραφή, ocupando as duas lições principais, são o centro e o objeto da argumentação,<sup>231</sup> enquadrando em seu campo semântico toda a estrutura da perícopre (o enquadramento é visível no diagrama). O paralelo principal é a soma das lições “a”:

“Sagradas Escrituras” // “toda Escritura é inspirada por Deus” // “homem de Deus”  
 (15 a) (16 a) (17 a)

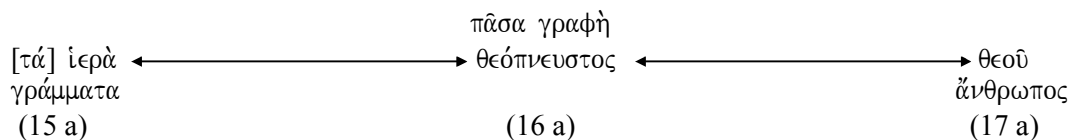
O grau de parentesco entre os lexemas se dá por igualdade e por significado semântico. As Escrituras são “sagradas” porque são “inspiradas por Deus”,<sup>232</sup> o “homem de Deus” está em franca relação de identidade, ou pelo menos de semelhança, com “inspiradas por Deus”; logo, tem relação com as Escrituras, sagradas por Deus. O três sintagmas, “relação linear de lexemas numa cadeia significativa de palavras”,<sup>233</sup> estão em linha de relação.

<sup>230</sup> Cf. SCHNELLE, U. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, p. 51.

<sup>231</sup> Cf. O *tópos* do texto em 4.4.3., p. 91, deste capítulo.

<sup>232</sup> Cf. infra, a análise do adjetivo ἱερός em 3.1.3.

<sup>233</sup> EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 108.



O substantivo Θεός do composto θεόπνευστος = θεός + πνέω,<sup>234</sup> faz as vezes de *nó semântico* entre os elementos e não deve ter o seu valor reduzido nem no texto, nem na expressão, nem na lógica estrutural: “É um erro omitir o elemento divino no termo, transmitido por *Theo-*”.<sup>235</sup> A noção de Θεός da perícopete tem plena identidade com o Deus dos hebreus do Antigo Testamento, que é o oposto dos deuses do politeísmo grego (extremamente antropológicos) e do deus filosófico (extremamente impessoal). O Deus das ἱερὰ γράμματα é único, pessoal e transcendente, não se confunde com o mundo material, no entanto se condói com o sofrimento humano, tem compaixão: “Iahweh disse: ‘Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-los’” (Ex 3,7-8; cf. Sl 136). Na LXX, Θεός tem função redutora para várias designações de Deus [<sup>2</sup>el, <sup>2</sup>elōah, <sup>2</sup>elōhîm]. No Novo Testamento *Theos* é o mesmo do Antigo Testamento.<sup>236</sup> A identidade semântica de Θεός nas Pastorais é, ao mesmo tempo, dos judeus e dos cristãos: Deus é único, Deus é o criador, Deus é quem dá a vida, Deus é o salvador, Deus é o Pai de Jesus Cristo e nosso Pai, Deus é quem concede o Espírito e os dons, é o Deus de poder, é o Deus da misericórdia e da paz, é o Deus de amor e

<sup>234</sup> θεόπνευστος é um *hapax*. “θεόπνευστος es una verdadera joya lingüística. Es un ἄπαξ en toda la Biblia griega. Y en la literatura profana anterior sólo aparece en Pseudo-Focílides - θεόπνευστος é uma verdadeira jóia da lingüística. É um *hapax* em toda Bíblia grega. E na literatura profana anterior só aparece em Pseudo-Focílides” (ARTOLA, A. M. *El Momento de la Inspiración en la Constitución de la Escritura Según 2 Tim 3,16. Estudios Biblicos*, p. 64). “*Theopneustos* (...) a word that recalls the Greek Delphic oracles (These oracles were spoken by persons – usually women – thought to be filled with Appllo’s breath [Plutarch *Obsolescense of Oracles* 40-42, 50-51; *Sibylline Oracles* 5.308].) The word also recalls, however, the account of creation in Gn 2, which describes the creative, life-giving power of Yahweh’s breath (Gn 2,7; see also Job 33,4; Ps 33 [32],6) – *Theopneustos* (...) a palavra recorda os oráculos gregos de Delfos (Estes oráculos eram proferidos por pessoas – geralmente mulheres – pensando estar infladas com o sopro de Apolo [Plutarco, *Obsolescência dos Oráculos...*; *Oráculos Sibilinos...*].) A palavra também recorda, contudo, a narrativa da criação em Gn 2, o qual descreve [com] criatividade, o poder de dar a vida do sopro de Yahweh” (BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p. 168). “Plut. De plac. Phil. 5,2 τοὺς ὀνειρούους τοὺς θεόπνευστος [o sonho inspirado por Deus], Phocycl. 121 (129) τῆς δὲ θεοπνεύστου σοφίης λόγος ἐστὶν ἄριστος [porém, a sabedoria da palavra inspirada de Deus é boníssima]” (ZORELL, F. *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti*, p. 586).

<sup>235</sup> COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. 694.

<sup>236</sup> Cf. COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, pp. 556-5562.



bondade, Deus tem doutrina/ensinamento; em suma, é o Deus das Sagradas Escrituras (1Tm 1,1-2; 2,3-5; 4,3-4; 6,13; 2Tm 1,2.7.8; Tt 1,3; 2,10; 3,4). Este Deus da Bíblia [*Theos*] é o princípio do vocábulo θεόπνευστος.

Duas questões de ordem sintática envolvem *theopneustos*: a) se o adjetivo verbal deve ser interpretado como “inspirada” (voz passiva) ou como “inspiradora” (voz ativa); b) se o adjetivo verbal está no sentido atributivo ou predicativo. Para a primeira questão os peritos têm, em sua maioria, uma posição nivelada: concordam com o sentido passivo elaborando como justificativa um paralelo com outros adjetivos verbais.<sup>237</sup> A solução seguinte fica no campo da probabilidade: provavelmente, *theopneustos* não seja algo que *apenas se diz* das Escrituras, como um predicado no sentido negativo; é possível o adjetivo ser um atributo de “toda Escritura”, uma qualidade inerente a ela. Os fatores possíveis ao valor atributivo são dois: a comparação com uma “construção semelhante” no sentido atributivo: “ὅτι πᾶν κτίσμα θεοῦ καλὸν – Pois tudo que Deus criou é bom” (1Tm 4,4);<sup>238</sup> o segundo fator favorável ao atributivo é a comparação do termo θεόπνευστος bíblico com equivalentes dos oráculos gregos, estes últimos se encontram no sentido atributivo.<sup>239</sup> Vale ressaltar o adjetivo “toda a Escritura é inspirada por Deus”, e não somente algumas partes:

“Se diz comumente que πᾶς com um substantivo precedido do artigo tem um sentido coletivo – todo inteiro, no conjunto, Gl 5,14 (...) A imensa maioria dos comentadores compreende: cada livro, texto ou passagem da Escritura. A verdade é que nesta interpretação não se exclui nada (Hb 9,19). Portanto, o conjunto das Letras sacras é tudo isso que está escrito sob a inspiração de Deus...”<sup>240</sup>

<sup>237</sup> O que fez prevalecer a opção pelo passivo foi colocar θεόπνευστος em paralelo com expressões semelhantes que carregam o componente θεός no sentido passivo, como por exemplo θεόγνωστος, θεόδοτος, θεόκίνητος, θεόπεμπτος (cf. ARTOLA, A. M. *El Momento de la Inspiración en la Constitución de la Escritura Según 2 Tim 3,16. Estudios Bíblicos*, p. 65, nota 11).

<sup>238</sup> Dornier articula quatro argumentos a favor do valor atributivo do adjetivo em questão, este é um deles (cf. DORNIER, P. *Les Épitres Pastorales*, p. 234). “Quando um adjetivo é usado atributivamente, o verbo εἶμι não está implícito (...) O emprego do artigo para distinguir entre o uso predicativo e o atributivo de um adjetivo não é uniforme” (SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, pp. 20-21).

<sup>239</sup> Está é a opinião de Dibelius e Conzelmann, mas deixam a questão em aberto com um “perhaps – talvez” (cf. DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. *The Pastoral Epistles*, p. 120, nota 9). Para saber quais as fontes dos oráculos gregos cf. nota 290 desta dissertação.

<sup>240</sup> “On dit communément que πᾶς avec un substantive précédé de l’article a un sens collectif – tout entire, l’ensemble, Gal. V, 14 (...) Mais l’immense majorité des commentateurs comprend: chaque livre, texte ou passage de l’Écriture. La vérité est que ces acceptions ne s’excluent point (Hébr. IX,19). Dinc l’ensemble des lettres sacrées et tout ce qui est écrit sous l’inspiration de Dieu...” (SPICQ, C. *Les Épitres Pastorales*, tome II, p. 787). Spicq sustenta sua argumentação na precedência de um artigo que não está explícito no texto grego, porém é pressuposto, pois γραφή encontra-se no nominativo (*a* escritura). “É claro que a expressão não dá a entender que algumas escritu-

Para encerrar a análise do caso atributivo vale, ainda, recorrer ao axioma filosófico da objetividade: Não é porque se diz “toda a escritura é inspirada por Deus” que ela é inspirada por Deus; mas ao contrário, porque “toda a Escritura é inspirada por Deus” é que se diz que ela é inspirada por Deus.

Toda ação divina na Escritura – θεόπνευστος ou do seu artífice Θεός – exerce também uma “inspiração” semântica na estrutura, no seu ambiente de sentido e nos sintagmas. Exemplo: os sintagmas desta primeira fase do núcleo do diagrama (paralelo das lições “a”) sustentam a tese de uma estrutura linear e temática da perícope e o restante, se não chega a ser uma classe de paradigmas genuínos, pelo menos apresentam “ligações mais ou menos estreitas no aspecto paradigmático”,<sup>241</sup> sobretudo quando se observa Θεός entrelaçando os temas conforme o quadro abaixo:

	PARADIGMA 1	PARADIGMA 2	
SINTAGMA 1	<p>ἱερά γράμματα (v. 15 a)</p>	<p>πᾶσα γραφή θεόπνευστος (v. 16 a)</p>	<p>θεοῦ ἄνθρωπος (v. 17 a)</p>
SINTAGMA 2	<p>γραφή (v. 16 a)</p>	<p>θεοῦ (v. 17 a)</p>	<p>ἱερά γράμματα (v. 15 a)</p>
	<p>θεόπνευστος (v. 16 a)</p>	<p>ἱερά (v. 15 a)</p>	<p>θεοῦ (v. 17 a)</p>

A seqüência da aparição dos lexemas no paradigma 1 e no sintagma 1 segue a ordem de aparição no texto e também no diagrama, submetendo-se a ordem relacional a partir daí. A *função dos sintagmas* é especificar o significado de um vocábulo ou frase em seu contexto literário,<sup>242</sup> no caso do sintagma 1 os lexemas “Sagradas Escrituras” atingem seu pleno sentido em relação à frase “inspiradas por Deus”, e sua plena finalidade com “homem de Deus”; então, a Escritura inspirada por Deus, portanto sagrada, é para o homem de Deus, para sua formação segundo o texto (v. 17). A *função dos paradigmas* é de uma relação mais direta (estreita) como se apresenta no paradigma 1 [γράμματα – γραφή] e no paradigma 2

ras são inspiradas, enquanto outras não são. Todas as Escrituras expressam a mente de Deus” (COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, verbete: *graphē*, pp. 694-695). “‘Every scripture’ (πᾶσα γραφή) means either ‘any passage of scripture’ – ‘Toda escritura’ significa também ‘qualquer passagem da escritura’” (DIBELIUS, M. CONZELMANN, H. *The Pastoral Epistles*, p. 120).

<sup>241</sup> EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 109.

<sup>242</sup> cf. EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, pp. 108-109.

[θεόπνευστος – θεοῦ – ἱερὰ], sem necessidade dos demais paradigmas serem absolutos como observado acima. O essencial, segundo o quadro, é notar a ação do substantivo Θεός entre paradigmas e sintagmas: é uma “teofonia” em todas as dimensões (horizontal, vertical e diagonal), transpassando a relação semiótica dos lexemas e deixando nela seu “rastros” semântico, impregnando o texto de sentido teológico. O significado de Θεός – Deus dos hebreus e Pai de Jesus Cristo – instiga direta e indiretamente com seu sentido os elementos do diagrama, em especial na locução ἱερὰ γράμματα, ocasionando seu adjetivo “sagradas”. Esta lógica semântica é coerente como resposta à gnose e sua pretensão em ofuscar a imagem do Deus das Escrituras.

*Segundo adendo de ligação:* Uma segunda ponte de construção semântica – não tão explícita quanto a primeira – faz a passagem do paralelo “A” ao “B”; na sutil ligação de dois termos da estrutura: o termo ἱερὰ e o vocábulo δυνάμενά [*dynamena*]. O verbo δύναιμι [*dynamai*] tem como tradução regular “posso, sou capaz, tenho direito a, tenho o poder de”,<sup>243</sup> sendo a última mais próxima da lição 15 b desta tradução. Uma breve estatística baseada na concordância de Bruder indica uma certa difusão do verbo na forma δύναιται (presente do indicativo médio).<sup>244</sup> Contudo, na forma idêntica ao 15 b, apenas em 2Tm 3,7: “sempre aprendendo, mas sem jamais *poder* [δυνάμενα] atingir o conhecimento da verdade”, referindo-se aos que recebem ensinamentos dos falsos mestres (cf. v. 5-6). Zorell no seu léxico dispõe δυνάμενα em 2Tm 3,7 na ordem psicológica da percepção: ser ou não capaz de compreender (cf. Jo 6,60; 8,43; 12,39).<sup>245</sup> O que permite a ligação e a deixa componencial (a soma das idéias da perícopes com o contexto da epístola): os falsos mestres não são capazes de ensinar a verdade porque relativizam as Escrituras,<sup>246</sup> logo, o conhecimento deles – sem o poder de dar sabedoria das Escri-

<sup>243</sup> SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 360. Na LXX δύναιμι se lê como “consigo, sou capaz”, traduzindo ܝܫܘܐ; [*yāškōl*] = “ser capaz, prevalecer, dominar (...) num sentido muito diluído, em contraste com *ischuō*, ‘ser forte, poderoso’ (...) usa-se *yāškōl* para designar a habilidade ou capacidade num sentido físico, ético ou religioso” (HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, pp. 866-867); δύναιμι aparece em três ocasiões Gn 31,5; Is 29,11; Jr 20,9 no sentido de “não poder ou não ser capaz de”; e uma única vez como δυνάμενά em 3Mc 4,16 (cf. BIBLEWORK 7).

<sup>244</sup> δύναιται e correlatos: Mt, 27 vezes; Mc, 33 vezes; Lc, 26 vezes; Jo, 37 vezes; Paulo, 25 vezes (Rm; 1/2Cor; Gl); Pastorais, 4 vezes (contagem manual: BRUDER, C. H. *Concordance of the New Testament*. Atenas, pp. 210-211).

<sup>245</sup> Cf. ZORELL, F. *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, p. 339, item 3.

<sup>246</sup> Cf. infra 4.1.1. c, p. 56; 5.1.1., pp. 96-98.

turas – também é relativizado: pois, “toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a persuasão, para a correção, para a educação na justiça” (v. 16) e não apenas a ciência humana (cf. 1Tm 6,20; 1Cor 8,1), no contexto da Unidade C do plano da Carta.<sup>247</sup>

Na perícope *δυνάμενά* está no particípio presente médio do caso acusativo plural. O particípio, como adjetivo verbal, qualifica as Escrituras: *elas têm poder, capacidade para*.<sup>248</sup> Pela voz média *δυνάμενά* tem uma relação especial com o sujeito da ação – as Sagradas Escrituras – já que são elas que *podem por si mesmas* “dar sabedoria” (15 b).<sup>249</sup> As Escrituras têm *em si* este poder de dar sabedoria não porque são escrituras compostas por sábios, e sim porque são inspiradas por Deus. Em outras palavras, elas não dependem de conhecimentos estranhos à sua natureza [*hiéra*] e propósito [*δυνάμενά σε σοφίσαι εἰς σωτηρίαν διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ*], como propõe o gnosticismo.

O que se extrai destas análises é que a dimensão sagrada das Escrituras [*hiéra*], vem do seu princípio sagrado [*théopneustos*]; de igual modo, pela relação sintaticamente entranhada entre o verbo [*dynamena*] e a expressão [*hiéra grammata*], o poder das Escrituras de dar sabedoria vem também deste mesmo princípio [*théopneustos*]. Se *hiéra*, em nível filológico, significa aquilo que é *forte*, só o é “pelo poder divino”; então, tanto a dimensão sagrada das Escrituras quanto o seu poder de dar sabedoria, possuem uma mesma fonte: Θεός [Deus] do adjetivo verbal θεόπνευστος.<sup>250</sup> A partir desta lógica estrutural, a relação entre o adjetivo *hiéros* e

<sup>247</sup> Cf. infra 2.3.3., p. 32.

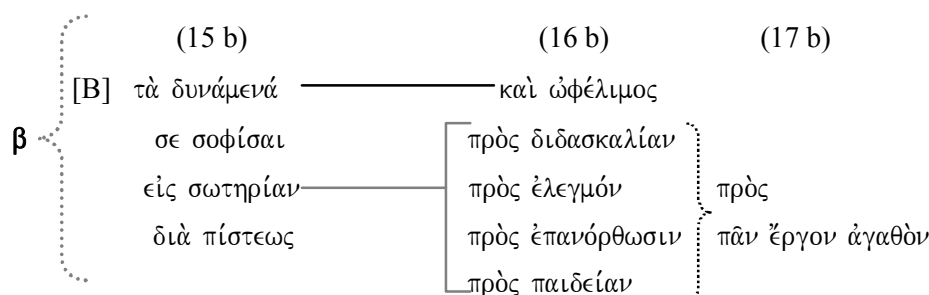
<sup>248</sup> O plural é por causa do seu sujeito *grammata* (pl.). O verbo no presente tem o significado de ação inacabada, contínua; o particípio é um adjetivo verbal, portanto qualifica o substantivo (SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 49, 62, 100).

<sup>249</sup> No nosso ponto de vista “por si mesmas” não é uma interpretação gramatical equivocada, a voz média faz com que a ação incline-se para o sujeito da ação (ação reflexiva). Seria insólito entender “as Escrituras têm poder de dar sabedoria *para si* mesmas”, não é o caso. Diferente é a construção “as Escrituras têm poder de te dar sabedoria *por si* mesmas” ou “as Escrituras podem em si mesmas dar sabedoria”. É conveniente: “A forma que normalmente exprime a ação feita pelo sujeito, e que envolve o próprio sujeito, ao invés de outro, é chamada de média (...) a ação exprimida pelo verbo envolve, ou afeta, especialmente a pessoa que a realiza” (DOBSON, J. H. *Aprenda o Grego do Novo Testamento*, p. 222, 350); cf. FREIRE, A. *Gramática Grega*, p. 74; REGA, L. S. *Noções do Grego Bíblico*, p. 14; SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, pp. 154-155.

<sup>250</sup> A edição de YOUNGBLOOD, R. F. (Ed.). *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, verbete: “poder”, p. 1145, diz que o poder na Bíblia “é geralmente usado em conjunto com a palavra autoridade (...) Alguém pode ter poder de realizar uma atividade mas não autoridade para fazê-lo. Jesus Cristo tinha tanto poder quanto autoridade (Lc 4,36)”. Seria uma associação proveitosa sob o ponto de vista semântico, pois autoridade do latim *auctoritas*, *átis* tem raízes em “*augēō*, *augēre*: fazer crescer; confortar alguém, dotar, encher prover; scientia aliquem augere (Cic.) = enriquecer alguém de conhecimentos” (PORTO EDITORA, *Dicionário Latim-Português*, p. 91). Seria uma associação

o verbo *dynamena* (adjetivo verbal por estar no particípio),<sup>251</sup> ultrapassa a definição de simples lexemas isolados para ser sintagma um do outro, no campo semântico da perícopa. Aparentemente, esta afirmação é mais que um postulado.

B) *Paralelo das lições 15 b // 16 b // 17 b*: A segunda parte do núcleo estrutural é constituída por termos qualitativos e funcionais da natureza teológica e cristológica das Escrituras, acompanhadas das preposições acusativas εἰς e πρὸς [para], denotando a idéia de objetivo a ser atingido,<sup>252</sup> ou melhor, de finalidade – o “para quê” servem as Sagradas Escrituras; sua função pragmática.



As Sagradas Escrituras só podem realizar a missão descrita no texto (cumprir seus objetivos) se houver nelas capacidade – atributos – para tanto. A análise anterior de θεόπνευστος – com seu provável valor atributivo –, encontra neste segundo paralelo um repouso, um certo apoio comprobatório que não pode ser prescindido. Retoricamente: porque *theopneustos* tem valor atributivo “toda Escritura” tem atributos. Um argumento persuasivo no âmbito do discurso.<sup>253</sup>

É dual os atributos (ou características) das Sagradas Escrituras: a forma verbal δυνάμεια [têm poder de] e o adjetivo ὠφέλιμος [útil]; a união dos termos está na noção qualitativa: morfologicamente, *dynamena*, enquanto particípio, é um adjetivo verbal, estreitando seu relacionamento com o adjetivo *ōphelimos*.

Cada atributo tem seu objetivo bem delineado pelas preposições acusativas: δυνάμειά / εἰς [poder / para] – “dar sabedoria para salvação” (v. 15 b); e ὠφέλιμος / πρὸς [útil / para] – “para o ensino, para a persuasão, para a correção,

---

proveitosa na argumentação: o poder – *a autoridade* – das Escrituras é *fazer crescer* na fé em Jesus, pois sua força vem de Deus. No entanto, não conseguimos estender *dynamai*, pela pesquisa realizada, até o verbo latino. O substantivo adverbial ἐξουσία se prestaria melhor à comparação com “autoridade”.

<sup>251</sup> Cf. SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 49 e 100.

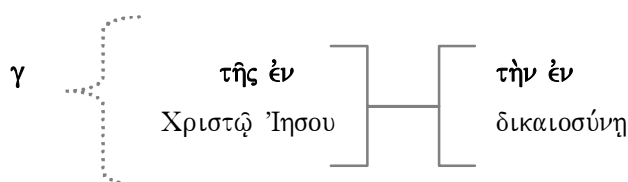
<sup>252</sup> Cf. SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 29, 92.

<sup>253</sup> Cf. FITZMYER, J. A. *A Bíblia na Igreja*, pp. 39-40.

para a educação” (16 b), a fim de que “homem de Deus” seja forjado “para toda ação boa” (17 b).

Na estrutura, pela própria posição dos elementos lingüísticos (no centro do diagrama), toda função pedagógica é meio e não fim. Isto se torna mais evidente se levar em conta a conjunção ἵνα;<sup>254</sup> no início do v. 17 ἵνα exprime a finalidade dos lexemas semanticamente homogêneos – ensino, persuasão, correção, educação – dando sua exata função semiótica que, sob o aspecto da análise pragmática, deduz a intencionalidade do texto: função diretiva.<sup>255</sup> Essa funcionalidade do paralelo “B” coopera com a explicação diacrônica: o motivo histórico da sua argumentação sobre a utilidade e a finalidade das Escrituras,<sup>256</sup> as raízes sociológicas e religiosas para as quais foi escrito o texto.<sup>257</sup> Com sua função diretiva e pedagógica quer guiar o destinatário ou o leitor a uma solução perante os falsos ensinamentos.<sup>258</sup>

#### 4.2.3. Diagrama – Base (γ)



As duas frases ao final do diagrama (γ) como colunas lhe sustentam a arquitetura: são τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ [no Cristo Jesus] e τὴν ἐν δικαιοσύνῃ [na justiça]. O ponto singular, contudo, não são os substantivos em si, mas o paralelo das preposições na estrutura do diagrama: as lições 15 b e 16 b terminam sob efeito da preposição dativa ἐν – “em” [τῆς ἐν – τὴν ἐν]. A perícopete tem 12 preposições, sendo apenas 3 no caso dativo ἐν, que, a exemplo dos substantivos e adjetivos no núcleo, enfatizam um certo equilíbrio ao conteúdo. A lógica estrutural do

<sup>254</sup> Esta sensação de “fim a ser atingido” é realçado pela conjunção ἵνα no v. 17 b (Cf. SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 43, 391).

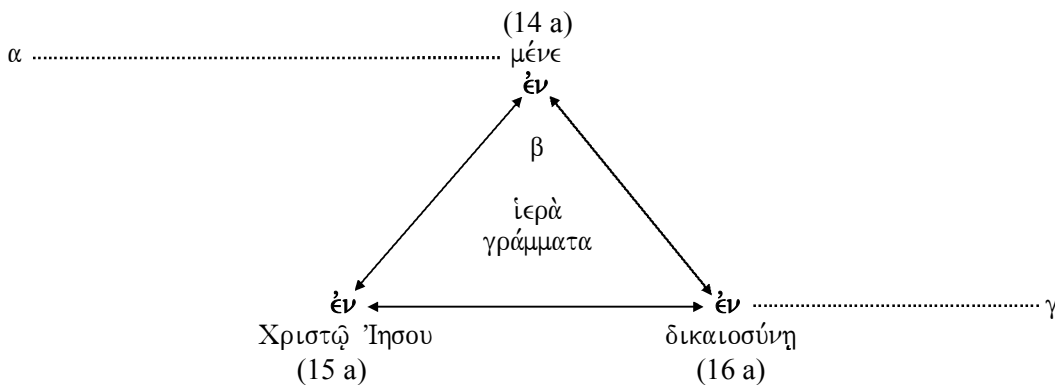
<sup>255</sup> Cf. WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*, p. 175; EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 134.

<sup>256</sup> EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 131.

<sup>257</sup> Cf. SCHNELLE, U. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*, p. 52; EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 136.

<sup>258</sup> Cf. infra 5.1.1. e 5.1.3.

texto aponta ἐν no princípio e no fim, tendo “Sagradas Escrituras” no centro do diagrama (β), em forma simplificada:



Não é tarefa das mais fáceis dar um “rosto” à preposição ἐν. Seu uso “extremamente diversificado” tende a pulverizar-lhe a eloquência.<sup>259</sup> No Novo Testamento, sob influxo da Setenta, *en* possui um substrato hebraico – עַל [*b<sup>e</sup>*]. Porém, seu correspondente hebraico vem “com ampla gama de sentidos”.<sup>260</sup> Exclusivamente como preposição, *b<sup>e</sup>* afeta o substantivo nas seguintes traduções: “em, sobre, a, dentro de, por, com, etc.”; com o sentido instrumental “por meio de”, como em עַל יְדֵי נְבִיאַ [e por meio de um profeta], que a LXX transcreve com a preposição *en*: καὶ ἐν προφήτῃ (Os 12,13).<sup>261</sup> O sentido instrumental é viável, mas não o suficiente para definir o significado particular da lógica estrutural.

No cume do diagrama, ἐν está precedido de verbo – μένει ἐν [permanece em]. O verbo pela presença de ἐν fica dinamizado e intensificado como “permanência ou estado sucessivo ao movimento”,<sup>262</sup> cooperando em termos de transmissão da tradição. Os gramáticos possibilitam seu uso no sentido figurado como esfera onde acontece determinada atividade ou algo está circunscrito.<sup>263</sup> Provavel-

<sup>259</sup> Há pelo menos 20 usos para *en* apenas no texto de 2Cor 6,3-7 (Cf. COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 2, pp. 1767-1768).

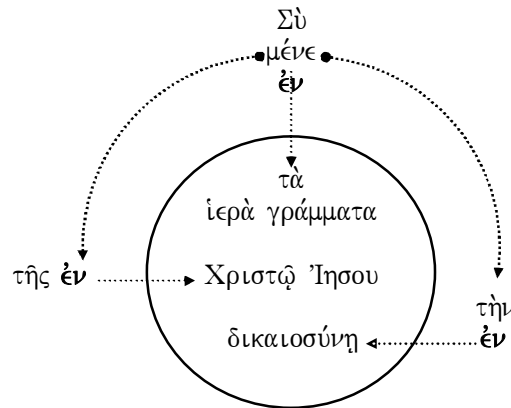
<sup>260</sup> Cf. COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 2, p. 1752; HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 143.

<sup>261</sup> Cf. SCHÖKEL, L. A. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, pp. 85-86.

<sup>262</sup> RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, pp. 167-168. Basicamente, a preposição ἐν é traduzida no caso dativo como “em”, “dentro”, “em meio”, “na presença de”, “diante de”, “para”, “sobre”, “entre” – designando um estado ou movimento (cf. RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, p. 167).

<sup>263</sup> Cf. COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 2, p. 1768-1769. A representação gráfica foi inspirada nos modelos de REGA, L. S. *Noções do*

mente, seja essa a interpretação semântica: verbo + ἐν + substantivos = um constante *movimento no* centro da tradição ἱερὰ γράμματα, *na fé e na justiça ἐν* Χριστῷ Ἰησοῦ. Graficamente, a proposta interpretativa do significado da preposição.<sup>264</sup>



Novamente, faz-se necessário um retorno diacrônico para entender a lógica da figura ou da intenção do texto. O movimento da preposição ἐν desemboca naquilo que Timóteo aprendeu desde criança, as Sagradas Escrituras e seu Deus [ἐν τὰ ἱερὰ γράμματα· θεόπνευστος] e na fidelidade a Jesus Cristo [διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ]. Este movimento, conduzindo ao centro da tradição, tem a missão de pré-posicionar (função preventiva) contra os ataques sofridos pela comunidade, cujo objetivo, intencional ou não, é arrancar ou desviar a igreja do centro da fé cristã.<sup>265</sup> Como a preposição ἐν está unida aos substantivos no caso dativo Χριστῷ Ἰησοῦ e δικαιοσύνη “a idéia básica é freqüentemente a de posição ou descanso *em* um lugar”,<sup>266</sup> assim Timóteo e sua grei devem posicionar-se, descansar na tradição recebida desde criança através da fé em Jesus Cristo mediante ἱερὰ γράμματα. Trabalhar com afinco na missão [ἐν] e para a missão [εἰς/πρὸς] – ensinando, persuadindo, corrigindo, educando – é para o líder Timóteo permanecer na justiça [Σὺ δὲ μένε – τῆν ἐν δικαιοσύνη], e uma questão de justiça; aventurar-se nos ensinamento gnósticos é, então, uma injustiça: “Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor” (2Tm 2,19).

*Grego Bíblico*, pp. 51-53. Via de regra o caso dativo, também regido por preposição, expressa a pessoa ou coisa em que algo é realizado. E essa informação – “em que algo é realizado” – concorda as demais (Cf. SWETNAM, J. *Gramática Grega do Novo Testamento*, v. 1, p. 41).

<sup>264</sup> A representação gráfica foi inspirada nos modelos de DOBSON, J. H. *Aprenda o Grego do Novo Testamento*, p. 277, 299; REGA, L. S. *Noções do Grego Bíblico*, pp. 51-53.

<sup>265</sup> Cf. *infra* 4.4.1.; 5.1.1.

<sup>266</sup> DOBSON, J. H. *Aprenda o Grego do Novo Testamento*, p. 321.



Conforme Spicq e Balz, o vocábulo “justiça” está associado ao exercício das virtudes do ideal grego (*paidéia*). Obviamente, entre outras deduções, estão fazendo associação da frase παιδείαν τὴν ἐν δικαιοσύνῃ [educação na justiça] com a passagem de 1Tm 6,11 e seu catálogo de virtudes éticas judeu-helenista, que diz: Σὺ δέ, ὦ ἄνθρωπε θεοῦ, ταῦτα φεύγε· δίωκε δὲ δικαιοσύνην εὐσέβειαν πίστιν, ἀγάπην ὑπομονὴν πραῦπαθίαν [Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas. Segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão].<sup>267</sup> Entretanto, a lógica estrutural do diagrama faz uma segunda associação: o vocábulo δικαιοσύνη está no campo semântico da ἱερὰ γράμματα e, sob o aspecto sincrônico, vale a máxima: “O significado de uma palavra depende frequentemente do âmbito no qual é usada (...) Só o contexto torna inequívoca as palavras”.<sup>268</sup> Logo, o termo *dikaiosyne*, carrega em si uma elevada carga semântica das Escrituras: o que é útil para educar na justiça? “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil (...) para a educação na justiça” (v. 16)!

Em primeiro lugar, “justiça” no Antigo Testamento – צְדָקָה [*s<sup>e</sup>dāqā*] ou צֶדֶק [*s<sup>e</sup>deq*]<sup>269</sup> não é uma virtude intimista ou individualista,<sup>270</sup> mas duplamente relacional. *S<sup>e</sup>dāqā* ou *s<sup>e</sup>deq* está vinculado à relação da Aliança com Deus: “*ts<sup>e</sup>dāqā* implica relacionamento (...) Esse vínculo entre justiça e salvação está arraigado de forma mais profunda no conceito da aliança. *ts<sup>e</sup>dāqā* é a execução da

<sup>267</sup> Cf. BALZ, H.; SHNEIDER, G. *Diccionario Exegetico Del Nuevo Testamento*, p. 999; SPICQ, C. *Les Épîtres Pastorales*, tome II, p. 789. Talvez esta associação seja reflexo dos clássicos: o substantivo δικαιοσύνη [*dikaiosynē*] na sua raiz original significava “instrutora”, essa leitura do substantivo é sentida em Hesíodo. Na filosofia o vocábulo adquire a conotação de virtude principal, cf. Aristóteles, *Ética Nicômaco*, 5 (cf. COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, pp. 1117-118). Sobre a importância da educação (παιδεία) e da virtude na formação helenística ver MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso – Tópicos de Antropologia Bíblica*, pp. 46-47.

<sup>268</sup> EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 107; ainda: “Pelo contexto se decide, p. ex., que significado escolher (...) À idéia de significado como soma de elementos semânticos corresponde a assim chamada análise componencial” (p. 111).

<sup>269</sup> O tema justiça no Antigo Testamento é evolutivo e, portanto, variável. Contém estágios cognitivos: etimológico (“retidão”), jurídico (direito), ético (padrão moral), teológico (feitos divinos), etc. (cf. DOUGLAS, J. D. (Org.), *O Novo Dicionário da Bíblia*, pp. 743-746). Síntese conceitual de justiça no AT: “Até o presente momento a pesquisa estava caracterizada pela oposição entre o conceito jurídico (assim J. Scharbert) e um conceito soteriológico (supondo um agir salutar, salvador, assim recentemente B. Johnson). Quando, porém, se parte da idéia da ‘justiça conectiva’ (J. Assmann), essa oposição pode ser superada” (BAUER, J. B., *Dicionário Bíblico Teológico*, p. 222).

<sup>270</sup> “Na visão grega típica do mundo, ‘justiça’ é idéia ou um ideal em relação ao qual pode ser medido o indivíduo ou a ação individual” (DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 394).

fidelidade à aliança e das promessas da aliança”;<sup>271</sup> e com a comunidade a qual pertence.<sup>272</sup> A Setenta usa *šdq* e seus derivados de múltiplos modos, entre eles: “As palavras eram empregadas para se referirem ao caráter e às ações de Deus”; quando relacionada à aliança *δικαιοσύνη* é abstraída por misericórdia, lealdade e fidelidade.<sup>273</sup>

*Dikaiosynē* aparece 92 vezes no Novo Testamento. Paulo é quem “estabelece a conexão mais estreita com o AT (...) A justiça de Deus é essencialmente Seu modo de tratar seu Povo, baseado na sua aliança”.<sup>274</sup> No conjunto do conceito, o Apóstolo associa “justiça” à salvação proporcionada por Jesus Cristo em sua morte e ressurreição:<sup>275</sup> “Agora, porém, independente da Lei, se manifestou a justiça de Deus [*δικαιοσύνη θεοῦ*], testemunhada pela Lei e pelos Profetas, justiça de Deus [*δικαιοσύνη δὲ θεοῦ*] que opera pela fé em Jesus Cristo” (Rm 3,21-22). O texto confirma a relação entre *δικαιοσύνη* e Escrituras na frase “testemunhada pela Lei e os Profetas”,<sup>276</sup> embasando, literariamente, a lógica estrutural do texto: justiça é justiça das Sagradas Escrituras. A frase *δικαιοσύνη δὲ θεοῦ* não é estranha à estrutura do diagrama, pois se *Θεός* abarca semântica os elementos da perícope – conforme visto –, então, o sentido de “justiça” só pode ser “justiça de Deus”.

Resultado da proposição semântica “educação na justiça”: *δικαιοσύνη* igual à justiça das Escrituras “inspiradas por Deus” [*θεόπνευστος*]. A justiça das Escrituras inspiradas por Deus só pode ser fidelidade à Aliança com Deus e a Comunida-

<sup>271</sup> HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, p. 1265. Cf. BALZ, H.; SHNEIDER, G. *Diccionario Exegetico Del Nuevo Testamento*, pp. 992-993. “... no pensamento hebraico ‘justiça’ é conceito mais relacional: ‘justiça’ como o cumprimento de obrigações impostas ao indivíduo pela relação da qual faz parte. Um exemplo clássico é 1Sm 24,17” (DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 395).

<sup>272</sup> “No hebraico do AT, o sentido básico de ‘justiça’ (*šedeq/šedaqah*) é conectivo: indica uma relação entre o indivíduo e a coletividade (...) O conceito de Justiça uma conduta relacionada com uma comunidade, ‘fiel à comunidade’” (BAUER, J. B., *Dicionário Bíblico Teológico*, p. 222).

<sup>273</sup> “A palavra *dikaiosynē*, ao ser trazida para dentro da terminologia da aliança, recebia de vez em quando, um conteúdo que se relacionava com aquele de ‘misericórdia’ (ao traduzir *hesed*), e de ‘lealdade’ e ‘fidedignidade’ (ao traduzir *ʾemēf*)” (COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. 1123). “... a justiça de Deus podia ser entendida como fidelidade de Deus ao seu povo”, e esta noção de justiça/justificação como fidelidade/misericórdia/bondade podia ser encontrada também em Qumrã – 1QS 11.11-15 (DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 396).

<sup>274</sup> COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. 1128.

<sup>275</sup> Cf. BALZ, H.; SHNEIDER, G. *Diccionario Exegetico Del Nuevo Testamento*, p. 988; COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. 1129.

<sup>276</sup> Ver infra 3.2.3., p. 45, cf. nota 143.

de através da fé em Cristo Jesus, a nova Aliança.<sup>277</sup> É esta proposição que é útil para o ensino dos discípulos de Cristo [ὠφέλιμος πρὸς διδασκαλίαν]; os que ensinam e educam diferente desta proposição estejam sob correção [ἐπανόρθωσιν], porém, com suavidade (2Tm 2,25); os que se distanciaram do seu campo gravitacional [ἐν] sejam abordados com persuasão [ἐλεγμὸν] para retornarem (2Tm 2,26); sem contendas e discussões que só servem para dividir ainda mais (2Tm 2,14), mas, com a sabedoria das *hiéra grammata*, que conduz à salvação em Jesus Cristo – a justiça de Deus [ἱερὰ γράμματα οἶδας, τὰ δυνάμενά σε σοφίσαι εἰς σωτηρίαν διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ – τὴν ἐν δικαιοσύνῃ].

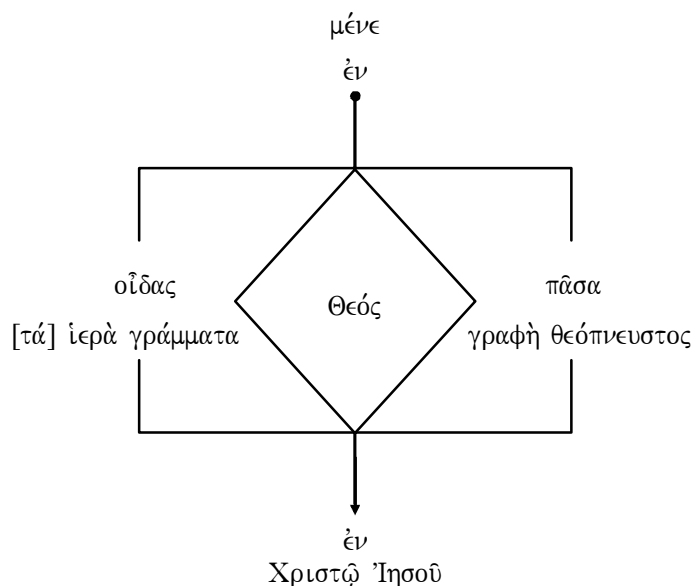
### 4.3. Diagrama Compilado

O diagrama pode ser reduzido em sua complexidade para efeito de compreensão imediata, revelando uma nova ordem. Começa com um princípio imperativo – μένε ἐν – cuja “seiva” semântica do imperativo percorre todas as ramificações da lógica estrutural dando-lhe a forma de exortação pessoal [Σὺ]: permanecer no que ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης [aprendeste e creste], as Sagradas Escrituras inspiradas por Deus como meio para atingir um propósito: εἰς σωτηρίαν διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ [para salvação através da fé em Cristo Jesus], objetivo da tradição de fé cristã.

Mesmo re-elaborando o diagrama, os atores são a locução ἱερὰ γράμματα [Sagradas Escrituras] e o correlato πᾶσα γραφή θεόπνευστος [toda a Escritura é inspirada por Deus], porque o nó semântico das expressões é Θεός [Deus] do adjetivo verbal *theopneustos* e a razão da qualidade sagrada de *hiéra*. O centro temático da redação da perícope – seu motivo – é a exigência de fidelidade às Sagradas Escrituras, toda Escritura, cujo princípio e sentido é Deus [Θεός] na formação do homem de Deus. Segundo a lógica estrutural do texto e do seu diagrama, entre as

<sup>277</sup> Cf. Hb 12,24. “Deus, portanto, anunciou que estabelecerá uma nova aliança e esta para iluminar as nações. Vemos e estamos convencidos que de que, por meio do nome de Jesus Cristo crucificado, as pessoas se afastam da idolatria e de toda iniquidade, para aproximar-se de Deus (...) Todos podem compreender que esta é a lei nova e nova aliança [ὁ καινὸς νόμος καὶ ἡ καινὴ διαθήκη – a nova lei e nova aliança]” (JUSTINO DE ROMA, *Diálogo com Trifão*, 11,4). “A idéia da *nova aliança*, da qual a morte de Cristo é considerada o sacrifício fundador já foi concebida antes de Paulo, como mostram as palavras da liturgia da ceia do Senhor transmitidas a ele (1Cor 11,25)” (BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*, p. 145).

Sagradas Escrituras e Deus há uma relação intrínseca orientada *para salvação através da fé em Cristo Jesus*.



No topo da estrutura, o verbo μένε insere ao texto e ao diagrama sua gravidade: permanecer em Deus [Θεός] – sentido do texto e das Escrituras inspiradas –, mediante as Sagradas Escrituras na tradição de fé em Jesus Cristo [διὰ πίστεως τῆς έν Χριστῷ Ἰησοῦ]. Deste modo, cumpre-se a educação na justiça [παιδείαν τὴν έν δικαιοσύνη] que não se restringe à teoria, mas à prática de vida. Justiça é permanecer no que aprendeste e creste [μένε έν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης]: a fé cristã mediante o conhecimento [οἶδας] e a sabedoria [σοφίαι] das Sagradas Escrituras, destoando com a injustiça gnóstica, que é conhecimento sem as Escrituras, logo sem o sagrado e o divino [ἱερὰ e θεόπνευστος].

#### 4.4. A FORMA EXORTATIVA DAS ἹΕΡᾶ ΓΡΆΜΜΑΤΑ – UMA REAÇÃO

##### 4.4.1. O Polêmico Ambiente da Expressão Ἱερὰ Γράμματα

Não há precisão absoluta quanto ao contexto social das Pastorais, porém, presume-se pelas idéias contidas que as instituições e a estratificação social contêm a ideologia do Império Romano. Alguns valores relacionados às virtudes ou a

falta delas é típico dos filósofos greco-romanos. As circunstâncias indicam uma província romana da Ásia, em particular a cidade de Éfeso.<sup>278</sup>

“Com a destruição do templo de Jerusalém em 70, houve um deslocamento do foco do movimento cristão da Palestina para a diáspora judia na Ásia Menor e, em especial, em cidades como Éfeso, Esmirna, Laodicéia, Pérgamo, Sardes, Filadélfia, Tiatira, conforme atesta o livro do Apocalipse 2–3. Os romanos chamavam a Ásia de ‘província das quinhentas cidades’. Foi aí que o cristianismo proliferou encontrando seu segundo *habitat*”.<sup>279</sup>

a) *A cidade e sua devoção.* A missão de Timóteo é árdua em terra árdua. Éfeso é, nos padrões da época, uma cidade proeminente. Vários fatores coordenam ao seu sucesso: econômico – pois possuía um porto com destaque marítimo na Ásia; era maior, geograficamente, que a capital da província (Pérgamo) com ¼ de milhão de pessoas, aproximadamente; cultural e estruturalmente destacava-se por sua urbanização em colunária e vias ebúrneas, seu teatro, etc.. É correto afirmar que a religião desempenhava um papel coronal à sua grandeza. Era a cidade de Ártemis – Diana dos romanos. Com o seu templo estimado entre as maravilhas do mundo antigo tornou-se centro de peregrinações de toda Ásia.<sup>280</sup>

A piedade é, em qualquer época, uma fonte de lucros para tudo, incluindo o dinheiro (cf. 1Tm 6,6): “em torno do culto de Ártemis estava organizada toda economia dos ourives” fabricando e comercializando amuletos, estatuetas, entre outros objetos devocionais.<sup>281</sup> Assim a devoção à “Diana dos efésios” era também a devoção à “Diana do lucro dos efésios”. A cidade era também sede proconsular, e como tal fomentava o espírito do culto imperial.<sup>282</sup>

b) *Lugar estratégico e crítico.* Paulo evangelizou na cidade de Éfeso por mais de dois anos junto às igrejas domésticas de judeus cristãos e gentílicos.<sup>283</sup> O Apóstolo, segundo o livro de Atos, desenvolveu uma copiosa e intensa animosidade entre grupos diversos: com os judeus por causa do “Caminho” e também com os ourives e artesãos. Estes últimos julgavam o ensinamento cristão como

<sup>278</sup> Cf. BASSLER, J. M. *1 Timothy, 2 Timothy, Titus*, p. 24-25.

<sup>279</sup> SCHLAEPER, C. F.; OROFINO, F. R.; MAZZAROLO, I. *A Bíblia – Introdução historiográfica e Literária*, p. 151.

<sup>280</sup> Cf. YOUNGBLOOD, R. F. (Ed.). *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, p. 450; PEREGO, G. *Atlas Bíblico Interdisciplinar*, p. 100.

<sup>281</sup> PEREGO, G. *Atlas Bíblico Interdisciplinar*, p. 100.

<sup>282</sup> Cf. CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 3, p. 407.

<sup>283</sup> Antes de Paulo, já se encontravam em Éfeso: Priscila e Áquila, seus conhecidos (At 18,2-3), e um judeu convertido Apolo (cf. At 18, 24-28).

interferência prejudicial à economia da cidade, pois muitos se afastavam do paganismo com seus costumes e da economia que gerava, para aderir ao cristianismo e sua fé monoteísta (cf. At 19,9–20,1). Porém, igualmente copioso, foi o ministério de Paulo: dali o evangelho irradiou para outras regiões da Ásia (cf. At 19,10).

“O evangelho exerceu poderosíssima influência sobre a Ásia Menor, bem como sobre o mundo ao redor (...) As principais cidades dessa região eram Éfeso, Esmirra e Pérgamo; mas todas as sete cidades que aparecem no começo do livro do Apocalipse (capítulos segundo e terceiro), devem ser incluídas: Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. A Turquia moderna incorpora (essencialmente) a antiga Ásia. Quase não resta dúvida de que foi durante esse tempo que essas cidades ouviram e receberam o evangelho, o que também significa que essas igrejas resultaram dos esforços do Apóstolo Paulo...”<sup>284</sup>

Éfeso é um local estratégico para evangelização e, ao mesmo tempo, fértil em conflitos ideológicos e de costumes. Muitos pensamentos e comportamentos judaizantes e greco-romanos singravam diametralmente contra a proposta cristã contribuindo direta e indiretamente à concepção do texto de 2Tm 3,14-17, como se verá adiante.

c) *Diáspora e helenismo*. O povo judeu, espalhado por inúmeras regiões pelas sucessivas deportações e fugas, acabou por constituir suas próprias comunidades em cidades fora da Palestina, denominadas tecnicamente de “judaísmo da diáspora”.<sup>285</sup> Aproveitando-se da tolerância religiosa das províncias greco-romanas, os judeus edificavam suas sinagogas e praticavam seu culto. Da diáspora nutriam devoção aos judeus da Palestina ou ao menos pela Terra Santa, Jerusalém, Templo... com peregrinações e auxílio material.<sup>286</sup> Essa liberdade de culto e amor à pátria, no entanto, não fez do judaísmo uma comunidade necessariamente estanque. Houve comunicação com o mundo pagão, com a educação grega;<sup>287</sup> o contrá-

<sup>284</sup> CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 3, p. 413.

<sup>285</sup> “A dispersão dos judeus que começou nas deportações pelos assírios e babilônios (722 e 597 a.C.). Mais tarde, se espalhou pelo império romano inteiro, até o Egito, Ásia Menor, Grécia, e Itália. O termo geralmente se refere a judeus que vivem fora da palestina” (COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. LXI). Cf. MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso – Tópicos de Antropologia Bíblica*, p. 116.

<sup>286</sup> Essa estima e ajuda era também por parte das comunidades cristãs gentílicas (cf. 2Cor 9; BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*, p. 141).

<sup>287</sup> “Todavia, na Diáspora, o contato dos judeus com a cultura e a civilização gregas era muito mais intenso. Não somente se construía sinagogas em estilo grego, mas também assumiam os costumes gregos indo-se ao teatro e participando-se das competições esportivas” (LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 113).

rio também era verdadeiro: os gentios se aproximavam da religião judaica como simpatizantes – “tementes a Deus”.<sup>288</sup>

Era também real um judaísmo radical. Entendo por *judaísmo* uma “oposição ao helenismo mais geral, incluindo os judeus helenizantes”,<sup>289</sup> obviamente, tal oposição, estendia-se aos chamados judeu-cristãos e estes, por sua vez, manifestavam um certo desgosto à comunhão com os gentio-cristãos, que comprometiam “a integridade e a pureza de Israel”.<sup>290</sup> É provável, ainda, uma terceira distorção no espectro religioso-social: os judeu-cristãos helenistas.<sup>291</sup> Soma-se a isso os decretos imperiais contra os judeus, a perseguição contra os cristãos fora e dentro da Palestina, com a opinião pública associando judeus e cristãos no mesmo “grupo decadente”.<sup>292</sup> Tal contexto tendia a causar tensão às relações sociais e afetivas – dispersando energia vital à unidade e crescimento da Igreja em Éfeso.

d) *Helenismo e cristianismo*. Cada um destes grupos era mais ou menos liberal, mais ou menos sensível em relação à teologia e à cultura greco-romana.<sup>293</sup> É o caso da comunidade cristã que, além de moderar a relação com a fé e os costumes judaicos, tem de sobreviver aos costumes sociais da civilização grega. Em termos antropológicos o “homem helenista, individualista e cosmopolita procura o bem individual acima do bem comum” em meio a um panteão religioso e filosófico.<sup>294</sup> Como conciliar este estado de vida com uma mensagem de fé monoteísta e fraterna herdada dos israelitas e dos apóstolos? Na colheita da polêmica se destacam, didaticamente, três elementos críticos:

<sup>288</sup> Cf. CARO, J. M. S. (Coord.). *A Bíblia e seu Contexto*, p. 337.

<sup>289</sup> DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 402.

<sup>290</sup> Ainda: “...em nível *sociológico* não se discute que grupos, por maiores e mais dispersos sejam, têm aspectos distintivos que não só os identificam, mas também os separam de outros” (DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 407, 606). Cf. a informação com At 14,1–15,35.

<sup>291</sup> Cf. KÜMMEL, W. G. *Síntese Teológica do Novo Testamento*, p. 165. Goppelt atesta estas camadas étnico-religiosas: “Da forma de vida dos cristãos resulta um espectro que se estende desde um hebraico-cristianismo aramaico, passando por um cristianismo judaico-helenista até um cristianismo gentílico-helenista (...) que, em grande parte correm paralelas” (GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 286-287).

<sup>292</sup> As perseguições aos cristãos têm seu início formal em 64 d.C. sob Nero (cf. DUNN, J. D. G., *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 757; LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, pp.194-195, 209; PIERRARD PIERRE. *História da Igreja Católica*, p. 30; CHRISTOPHE, P. *Pequeno Dicionário da História da Igreja*, p. 126); sobre a perseguição descrita em 2Tm 1,8; 2,3; 4,5 e sua motivação cf. MOULE, C. F. D. *As Origens do Novo Testamento*, pp. 129-130.

<sup>293</sup> A base cultural e social greco-romana é a matéria étnica e ética de um grupo, sua sabedoria popular com sua influência no cotidiano das pessoas, suas concepções da vida e suas decisões. Ver o termo *hinterland* cultural (al.): palavra aplicada à vida interiorana de uma região e, por analogia, a matéria cultural de um povo – “compreendendo a religião e a teologia” (cf. SIMIAN-YOFRE, H. (Coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*, 104).

<sup>294</sup> CARO, J. M. S. (Coord.). *A Bíblia e seu Contexto*, p. 339.

1°. *elemento moral*: se por um lado subsiste o liberalismo sexual, no outro extremo há os estóicos filosofando sobre autodomínio e, entre um e outro, a ética judeu-cristã (cf. 2Tm 3,1-4).<sup>295</sup> “E assim é natural para o pensamento protocristão que a vida gentílica é andar no pecado, que é descrito em catálogos de vícios como o judaísmo helenista já os havia adotado”,<sup>296</sup>

2°. *elemento devocional*: a idolatria cotidiana da piedade popular greco-romana, mixada com os cultos orientais adotados nas excursões de Alexandre,<sup>297</sup> que diante da Comunidade escandalizavam alguns, enquanto outros eram apenas apáticos (cf. 1Cor 10,14);

3°. *elemento doutrinal*: pensamentos de viés teológico, cujas orientações destoavam do ensinamento dos apóstolos ou do Apóstolo (1Tm 4,1; 2Tm 2,16-18), talvez como síntese dos elementos anteriores.<sup>298</sup>

É nesse ambiente multifacetado que se encontra a comunidade de Timóteo. O cristianismo, ainda sem doutrina clara sobre muitos pontos, é como uma fortaleza de portões abertos, por onde entram e saem – nos falatórios e discussões (2Tm 2,14) – os esoterismos antigos e os novos conhecimentos, e, entre eles, a gnose.

e) *Gnosticismo – um risco às Escrituras*. As Epístolas Pastorais são, em parte, uma resposta ao último elemento crítico (cf. 1Tm 1,4-5.9-10.19-29; 4,1-5; 6,20; Tt 2,1.7.12; 3,9-11; 2Tm 3,1-13; 4,3-5). O alvo destes ataques são as heresias: “O objetivo propriamente dito das Pastorais é o combate aos falsos mes-

<sup>295</sup> “‘Tudo me é permitido’, mas nem tudo convém. ‘Tudo me é permitido’, mas não me deixarei escravizar por coisa alguma” (1Cor 6,12; 10,23-24). Aparentemente a moralidade cristã na teologia paulina prezava a liberdade, mas com critérios (cf. Rm 6,15-18); sem norma nenhuma o risco é desembocar na libertinagem (sobre isto conferir 1Cor 6,12, nota c, na *Bíblia de Jerusalém*, 1989, p. 2154, nota c, referente 1Cor 6,12).

<sup>296</sup> BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*, p. 118; cf. DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 775; LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 232.

<sup>297</sup> A lista é enorme: deuses salvadores e taumaturgos, magia, astrologia, adivinhação, o culto imperial e vários tipos de esoterismo (cf. CARO, J. M. S. (Coord.). *A Bíblia e seu Contexto*, p. 340-346). Além dos deuses do seu Olimpo “os gregos absorveram muitos *elementos religiosos*, identificando as divindades orientais com as divindades helenísticas. Acontece um fenômeno muito forte de sincretismo religioso, conhecido por ‘*interpretatio graeca*’” (MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 108).

<sup>298</sup> “A tentativa de amálgama de várias vigorosas crenças religiosas e idéias filosóficas daquela época, como judaísmo, as religiões misteriosas, o misticismo oriental, o neoplatonismo, com algumas idéias produzidas pelo pensamento cristão, talvez arme o palco para grande variedade de combinações, algumas das quais penetram na igreja cristã, exercendo influência sobre a mesma” (CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 5, p. 272).



tres”.<sup>299</sup> Para os especialistas estes falsos mestres ministram um tipo de gnose<sup>300</sup> já se formando no século I, em alguns casos entre os próprios judeus-helenistas e/ou judeu-cristãos helenistas.<sup>301</sup>

“Quando surgiu o gnosticismo? A datação é extremamente problemática e, ainda hoje, muito se discute sobre sua origem. No que se refere às suas manifestações históricas, costuma se distinguir três etapas: a do judaísmo heterodoxo do começo do séc. I; a do judeu-cristianismo heterodoxo, que faz ponte entre os séculos I e II; e a do gnosticismo propriamente dito, que abarca todo o século II e encontra sua maior expressão em Mani (215-277)”.<sup>302</sup>

Definir o gnosticismo é uma tarefa complexa, há uma amplidão de elementos, graus e opiniões.<sup>303</sup> O sistema ou sistemas gnósticos é mutante; varia conforme o grupo e a circunstância, sendo possível encontrar em sua ideologia esotérica resíduos de mitologias orientais, filosofias, helenismos, pensamentos judeus e cristãos.<sup>304</sup> Essa capacidade de metamorfose explica seu relativo sucesso. É uma antítese de tudo sem tese eloqüente sobre coisa alguma: “fábulas” (1Tm 1,4.7; Tt 1,14; 2Tm 4,4). Sua estratégia “parasitária” baseada na especulação e verborragia (1Tm 6,3-5; 2Tm 2,16-18; 3,5),<sup>305</sup> não raro causa dano ao meio onde subsiste, aqui, no caso, a igreja de Éfeso, consumindo seus fundamentos e sua tradição.

<sup>299</sup> VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 256.

<sup>300</sup> “Certo número de estudiosos contemporâneos vêem evidência de um conflito com o gnosticismo numa variedade de passagens do NT” (COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. 401).

<sup>301</sup> “A heresia gnóstica, misto de cristianismo e judaísmo, que as Pastorais combatem é, portanto, perfeitamente concebível no tempo de Paulo” (KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 497). Sobre a existência de uma gnose pré-cristã e não apenas aquela mais elaborada do segundo século em diante, ver FABRIS, R. (Org.). *Problemas e Perspectivas das Ciências Bíblicas*, pp. 96-103; MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso – Tópicos de Antropologia Bíblica*, p. 39.

<sup>302</sup> BRIGHENTI, A. *O Gnosticismo na Igreja Antiga e na Atualidade*, p. 631. “Alguns estudiosos, especialmente na Alemanha, traçam seus inícios ao século I d.C. e alegam ver sua influência na igreja e no pensamento cristão nos tempos do NT (...) pode se dizer que havia um gnosticismo incipiente durante o século I d.C.” (COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. LXV). Segundo Bultmann o fenômeno gnóstico é antigo e seus elementos passam para o cristianismo via especulações filosóficas helenistas e judaicas (BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 221-222).

<sup>303</sup> “É impossível, dado o grande número de textos e da diversidade de opiniões e doutrinas, chegar a uma concepção definitiva, acabada do gnosticismo (...) Apesar da diversidade das correntes e seitas, o gnosticismo tem em comum é o dualismo da matéria e do espírito em como oposição eterna”, sendo esse modelo intensificado no período pós-apostólico entre os anos 90-130, negando a humanidade real de Cristo (FRANGIOTTI, R. *História das Heresias*, p. 31, 33) Definir o gnosticismo simplesmente pelo termo *gnōsis* seria de extrema pobreza, pois não se trata de um sistema homogêneo; no mais a gnose é circunstancial ao tema (cf. COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 1, p. 401).

<sup>304</sup> Cf. MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*, p. 182; CARO, J. M. S. (Coord.). *A Bíblia e seu Contexto*, p. 346.

<sup>305</sup> Cf. FABRIS, R. *As Cartas de Paulo*, v. 3, p. 324.

Nas Pastorais, a heresia é, possivelmente, de origem gnóstico-judaica com ramificações entre os judeu-cristãos e cristão-gentios.<sup>306</sup> Não seria estranho em demasia constatar que uma parte das comunidades cristãs, constituída de judeus helenistas, querendo libertar-se do judaísmo radical, aderissem a uma gnose radical. Sentindo-se “libertos”, sentem-se igualmente mais sábios (gnósticos), elevando a tragédia deste tipo de pensamento com feridas à comunhão: “Os que se achavam ‘iluminados’ viam-se como seres superiores àqueles que não tinham conhecimento”.<sup>307</sup>

As idéias gnósticas encontraram outro terreno fértil, afora judeus, para sua propagação: a dificuldade do cristão-gentílico em fazer uma associação do Jesus da fé com o Messias prometido nas Escrituras. Os judeu-cristãos assimilaram Jesus como sendo o Messias prometido no Antigo Testamento, concordando, de algum modo, com a fé judaica. No entanto, esta promessa basilar nas Escrituras destoava com as expectativas gentílicas. Eles não aguardavam um messias no sentido dos hebreus. Então, se eles acreditavam em Cristo Jesus sem o apoio das Sagradas Escrituras, qual o significado das Escrituras?, quem era Jesus e quem era o Deus de Jesus sem a tradição das Sagradas Escrituras?, qual o valor das *ἱερὰ γράμματα*?

“Se não continuasse sendo o Messias prometido no AT, deveria ser para eles uma divindade redentora helenista como Seráfis e Ísis. Deveriam eles adotar o AT como livro canônico? (...) Era de supor que iriam deixar completamente de lado o livro canônico dos judeu-cristãos. Na primeira Epístola aos Coríntios, Paulo batalha contra os precursores do movimento gnóstico (...) O gnosticismo separa Jesus do Deus do AT e o interpretava erroneamente como redentor helenista (...) Os gentílico-cristãos corriam o perigo de se verem transformados numa religião sincretista”.<sup>308</sup>

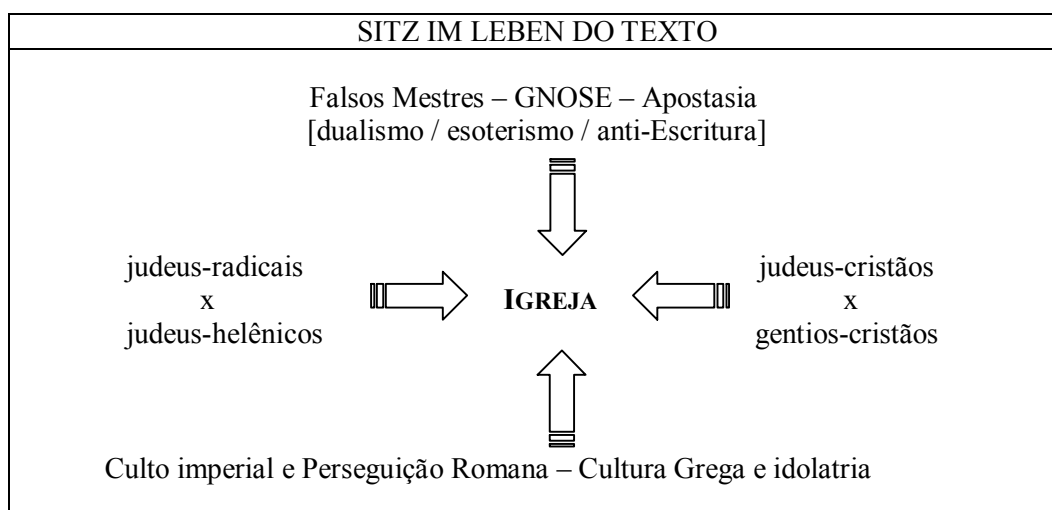
<sup>306</sup> Cf. SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G., *Forma e Exigências do Novo Testamento*, p. 380. “... as pastorais lidam com um gnosticismo mais ou menos modificado pelo cristianismo judaico” (KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 497). “Hoy día es más corriente admitir que la herejía aludida sería una pregnosis judaizante, un tanto emparentada con la herejía de los Colosenses – Hoje em dia é mais comum admitir que a heresia aludida seria uma pré-gnose judaizante, um tanto aparentada com a heresia dos Colossenses” (ROBERT, A.; FEUILLET, A. (Dir.). *Introducción a la Biblia*, tomo segundo, p. 478). “A tese de um erro gnóstico foi defendida em 1835 por F. C. Baur, e J. B. Lightfoot referiu-se a um ‘judaísmo mesclado de gnosticismo’” (BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 841).

<sup>307</sup> YOUNGBLOOD, R. F. (Ed.). *Dicionário Ilustrado da Bíblia*, p. 625.

<sup>308</sup> GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 287-288. Cf. LOHSE, E. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, p. 243; SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G., *Forma e Exigências do Novo Testamento*, pp. 372-373.

A afirmação de Goppel “iriam deixar completamente de lado o livro canônico dos judaico-cristãos” assume caráter decisivo a presença da expressão *ἱερὰ γράμματα* na perícope.

f) *O Sitz im Leben do texto das Hiéra Grammata*. Com a questão gnóstica torna-se demonstrável o panorama da situação vivencial das comunidades cristãs das Pastorais, em particular a de Éfeso. Sitiada por todos os ângulos, ela carece, aparentemente, de mecanismos de defesa contra os sintomas das perseguições e heresias,<sup>309</sup> que vão se acumulando como detritos impedindo sua oxigenação pastoral e, conseqüentemente, seu crescimento. O quadro abaixo tenta representar a situação (pressão) da jovem Igreja:



O quadro situacional ajuda a descortinar um sistema sócio-religioso opressor, tornando perceptível uma certa ordem no caos no qual se encontravam as comunidades cristãs da Ásia, em particular a igreja em Éfeso:

1) *movimentos críticos ACIDENTAIS sobre a comunidade cristã:*  
 judaísmo radical x pró-helênico  
 + cultura grega liberal  
 + perseguição romana  
 = (a) crise *ad extra*;

2) *movimentos críticos INCIDENTAIS sobre a comunidade cristã:*  
 judeus cristãos x gentios cristãos  
 + apostasia  
 + gnosticismo  
 = (b) crise *ad intra*.

<sup>309</sup> Sobre o assédio e a perseguição que os cristãos sofrem por parte dos judeus e pagãos cf. ainda LEON-DUFOUR, X. (Org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*, p. 770.

Os dois modelos de crise (*ad intra* e *ad extra*), na perspectiva da crítica da forma, indicam um amálgama de situações gerando um clima favorável e necessário à composição da Unidade C (2,14–4,5) e de 2Tm 3,14-17.<sup>310</sup> As divergências, de fora e de dentro, confluem de encontro uma a outra e implodem no interior da igreja na forma de excessos: da lassidão a escrúpulos morais, da certeza gnóstica absoluta à dúvida persistente, da fidelidade à apostasia.<sup>311</sup>

“A Igreja primitiva era assediada em ambos os lados por atitudes erradas em relação à lei. Alguns jogariam fora todas as leis e viveriam como libertinos e antinômicos, livres de toda autoridade e ordem (...) As Igrejas primitivas viam excessos nas duas direções...”<sup>312</sup>

O *Sitz im Leben* que forma o gênero da perícopa é este quadro, com motivos pictóricos carregados de sombras, sendo a gnose ou uma incipiente gnose a mais escura de todas, pois tendem a obscurecer as Escrituras, o seu valor sagrado, desde o ambiente relativamente formal das reuniões litúrgicas, quiçá catequéticas, estendendo-se até o informal dos lares (2Tm 2,14.16.23; 3,6). A gnose infiltra idéias na igreja contrapostas às Escrituras e, concomitantemente, inserem indiretamente seus “escritos” outorgando a eles a categoria de “sagrados”, um caminho de sabedoria.<sup>313</sup> Não é uma pura abstração, então, o imperativo no início da perícopa exortando Timóteo: Σὺ δὲ μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης· [τὰ] ἱερὰ γράμματα [Tu, porém, permanece no que aprendeste e creste: as Sagradas Escrituras] (14 a-15 a).

#### 4.4.2. Ἱερὰ Γράμματα – Expressão Envolta na Forma Exortativa

O verbo μένω [permanecer] é capital para apreender o significado de *hiéra grammata* em seu contexto literal e vital. Em todo Novo Testamento, só nesta perícopa é configurado como μένε [permanece]. Com variações, aparece quatro ve-

<sup>310</sup> As combinações identificadas: polêmica com e entre grupos (a controvérsia e a separação do judaísmo); necessidade de organizar e salvaguardar a unidade no interior dos grupos; grupos cristãos concorrentes; adaptação à situação na diáspora, relação com o ambiente público pagão; advertência contra heresias e apostasias (cf. EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 146; WEGNER, UWE, *Exegese do Novo Testamento*, pp. 173-174).

<sup>311</sup> Cf. 1Tm 1,3-11.19; 2Tm 2,11–3,13.

<sup>312</sup> BERGANT, D. KARRIS, J. R. (Org.), *Comentário Bíblico*, v. 3, p. 294.

<sup>313</sup> Muitas insinuações doutrinárias do gnosticismo estão “em textos gnósticos-judáicos em papíros gentílicos de magia” (VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 257).

zes nas duas Cartas a Timóteo (1Tm 2,15; 2Tm 2,13; 3,14; 4,20).<sup>314</sup> O princípio da perícopre com μένε ἐν funciona como uma introdução de caráter exortativo dando o tom literário da mesma, a ilumina, por assim dizer. O verbo μένω, no imperativo μένε, indicando o sentido de ordem direta e não de sugestão trivial eleva a gravidade do momento, exige “uma ação contínua, um hábito de vida”, perpassando o texto de uma certa urgência pastoral,<sup>315</sup> como implica seu ambiente (ver supra). Assim, por tudo que se informa da perícopre: a situação da comunidade (*Sitz im Leben*), a morfologia do verbo μένε no imperativo, o pronome pessoal Σὺ no início do texto indicando uma abordagem direta, constatam-se robustos indícios – determinantes até – de que a expressão *hiéra grammata* pertence com sua perícopre ao gênero literário da parênese,<sup>316</sup> na forma de admonição pessoal do tipo simbulêutico (pragmático).<sup>317</sup> O autor não oferece ao destinatário um conjunto de teoremas, mas uma exortação concreta desenvolvendo uma argumentação de teor exigente,<sup>318</sup> que reclama uma tomada de atitude pessoal pelo pronome Σὺ reforçado por elementos do passado familiar e afetivo do destinatário [εἰδὼς παρὰ τίνων ἔμαθες, καὶ ὅτι ἀπὸ βρέφους [τὰ] ἱερὰ γράμματα οἶδας], requerendo uma abordagem direta: Σὺ δὲ μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης [Tu, porém permanece firme no que aprendeste e creste] (v. 14 a. 15 a). Esse gênero literário é natu-

<sup>314</sup> Cf. BRUDER, C. H. *Concordance of the New Testament*. Atenas, p. 550.

<sup>315</sup> Cf. RIENECKER, F., ROGERS, C. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*, p. 478.

<sup>316</sup> “A nossa tese é que cada unidade literária reconhecível como tal deve pertencer a algum gênero (...) e tem determinada relevância histórica ou está ligado a determinados interesses de um grupo de pessoas” (BERGER, K. *As Formas Literárias do Novo Testamento*, p. 24). “Designa-se parênese (= discurso de admoestação) no sentido histórico-formal ‘um texto que encadeia admoestações de conteúdo ético geral (...) ou possuem no mínimo a forma de uma ordem ou de uma conclamação; isso a diferencia do *gnomologium*, a mera coleção de sentenças” (M. Dibelus in VIELHAUER, P. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 79). “É preciso ter consciência do valor circunstancial das parêneses. Elas são orientações dirigidas a públicos específicos, em situações particulares. Às vezes reforçam atitudes que distinguem o comportamento dos ‘de dentro’ em relação aos ‘de fora’” (RODRIGUES, M. C. *Palavra de Deus, Palavra da Gente*, p. 130).

<sup>317</sup> “Com o nome de ‘admoestação pessoal’ pretendemos indicar aqueles textos simbulêuticos, sobretudo na literatura epistolar, em que é constitutiva a relação ‘pragmática’ (isto é também fora do texto) entre o ‘eu’ que fala e admoesta e, o parceiro admoestado (apostatado pessoalmente por ‘tu’ ou ‘vós’)” (BERGER, K. *As Formas Literárias do Novo Testamento*, p. 195). “Textos simbulêuticos: visam induzir o ouvinte a agir ou deixar de agir” (EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 145, nota 193). “A intenção simbulêutica: textos simbulêuticos procuram conduzir o ouvinte a fazer ou omitir uma ação. Palavra de origem grega que significa aconselhar” Esta definição pode ser revista em RODRIGUES, E. *Cristianismo (s) – Ontem e Hoje*; disponível em: [www2.uol.com.br/bibliaworld/opiniao/elisa/artigo02.htm](http://www2.uol.com.br/bibliaworld/opiniao/elisa/artigo02.htm).

<sup>318</sup> O que é gritante na perícopre é não perder tempo com abstrações. Diante do perigo concreto dos falsos ensinamentos prevalece uma diretriz direta (Σὺ δὲ μένε ἐν οἷς ἔμαθες καὶ ἐπιστώθης), concreta (ἱερὰ γράμματα οἶδας) e prática (ὠφέλιμος πρὸς διδασκαλίαν) – cf. BERGER, K. *As Formas Literárias do Novo Testamento*, p. 195).

ralmente pragmático.<sup>319</sup> A admoestação pragmática funciona para convencer o destinatário da prioridade da sua missão diante das circunstâncias, especificamente converter a dúvida e a divisão em confiança e comunhão,<sup>320</sup> mediante algo de valor para comunidade: o poder simbólico-religioso da ἱερὰ γράμματα, pólo de resistência aos falsos ensinamentos porque “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a persuasão, para a correção, para a educação na justiça” (v. 16).<sup>321</sup>

#### 4.4.3. Ἱερὰ Γράμματα – *Tópos* e *Leitmotiv* da Redação

Motivado pela fé no valor sagrado e prático das Sagradas Escrituras, Paulo articula sua exortação pessoal a Timóteo, funcionando como *tópos* da perícopie – a linha de construção do seu argumento,<sup>322</sup> mais: defender o valor sagrado e prático das Escrituras para fé cristã (vv. 15-16), torna-se o seu *leitmotiv* – o motivo condutor da redação do texto de 2Tm 3,14-17.<sup>323</sup> Este motivo regente pode ser explicado como resposta ao descrédito às Escrituras inspiradas por Deus (v. 16 a), principal polêmica da perícopie e ameaça à edificação da igreja.

O uso do tema “Escrituras” e do seu conteúdo<sup>324</sup> como condição e motivo é coerente com todo o pensamento paulino, com seu estilo de redação.<sup>325</sup> “A Escri-

<sup>319</sup> “Isso acontece porque os Gêneros Literários têm a finalidade de cumprir uma função na vida da comunidade da qual brotam, de conduzir a comunidade e os seus membros a uma tomada de consciência ou a uma opção, de produzir um efeito” (SILVA, C. M. D. et. alii. *Metodologia de Exegese Bíblica*, p. 230).

<sup>320</sup> “O grupo mais importante [da argumentação simbulêutica] trata de *problemas internos da comunidade* (...) ou quando se trata da *paz* na comunidade e da conservação da *unidade*” (BERGER, K. *As Formas Literárias do Novo Testamento*, p. 88).

<sup>321</sup> Para todos os efeitos é importante observar que a *admonição protréptica* também se encaixa na estrutura de 2Timóteo como “propaganda do caminho cristão como escolha fundamental” contra falsos mestres. Sobre essa observação e todo parágrafo cf. BERGER, K. *As Formas Literárias do Novo Testamento*, pp. 88; 195; 199-200; WEGNER, U., *Exegese do Novo Testamento*, p. 175.

<sup>322</sup> Cf. MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso – Tópicos de Antropologia Bíblica*, p. 117.

<sup>323</sup> Mesmo grafada de modo diferente o termo “Escritura” é redigido duas vezes na perícopie cercado de argumentos favoráveis: tem poder para dar sabedoria, é inspirada por Deus, é útil (cf. vv. 15-16): “Quando um motivo se repete em um texto ou em uma obra, fala-se de *Leitmotiv*. O motivo, por estar ligado à origem e à transmissão do texto, é estudado pela crítica da tradição, enquanto o *Leitmotiv* é estudado pela crítica da redação, pois trata-se de um motivo assumido e reiteradamente usado pelo autor” (SILVA, C. M. D. et. alii. *Metodologia de Exegese Bíblica*, p. 265, nota 7).

<sup>324</sup> “Para indicar toda Bíblia no seu conjunto ele usa ‘Escritura’ (Rm 4,3; 9,17; 10,11; Gl 3,8; 3,22; 4,30), ‘Escrituras’ (Rm 15,4; 1Cor 15,3.4), ‘sagradas Escrituras’ (Rm 1,2). Uma vez (1Cor 14,21) ‘lei’ é usado para indicar toda a Bíblia” (PESCE, M. *As Duas Faces da Pregação de Paulo*, pp. 92-93).

<sup>325</sup> “O ensino de Jesus está entremeado de citações do Antigo Testamento (...) Paulo tem o mesmo procedimento na redação das cartas” (SCHREINER, J.; DAUTZENBERG, G., *Forma e Exigências do Novo Testamento*, p. 18).

tura formava a ‘infra-estrutura da sua teologia’”.<sup>326</sup> A redação paulina era formada por dupla teologia: a) *na teologia tradicional (hebraica)* com o modo intenso de escrever baseado na autoridade de quem nunca negou suas origens judaicas, sua fé nas Escrituras Sagradas do seu povo: “No conjunto do epistolário paulino, encontramos 107 citações da Escritura, das quais 61 são introduzidas explicitamente”,<sup>327</sup> b) *na teologia pascal (da igreja)* redigindo as Cartas, em particular a perícopes, revestindo o temário das Escrituras de elemento novíssimo, sábio e poderoso: as Sagradas Escrituras “têm poder [são capazes] de te dar sabedoria para salvação através da fé em Cristo Jesus” (15 b),<sup>328</sup> assim, a redação do texto harmoniza-se, mesmo que delicadamente, com o modo de escrever paulino, sustentado por uma confissão cristã primitiva de uso comum nas primeiras igrejas cristãs.<sup>329</sup>

Enfim, a expressão *ἱερὰ γράμματα*, associada ao imperativo *μένε* e aos versículos sub-relacionados, é uma reação ao clima da comunidade cristã de Éfeso encharcada de diatribes de probabilidade gnóstica.<sup>330</sup> Sob a forma de uma exortação à fidelidade – de modo pessoal e pragmático –, o líder Timóteo é convocado à ação frente aos falsos mestres e sua pretensão de derrocar a tradição recebida das Sagradas Escrituras inspiradas por Deus, aquelas que têm o poder da sabedoria e da salvação, pois o resto, a gnose, é verborragia: *Σὺ, δὲ, θεοῦ ἄνθρωπος, μένε ἐν [τὰ] ἱερὰ γράμματα θεόπνευστος, τὰ δυνάμενά σε σοφίσει εἰς σωτηρίαν διὰ πίστεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ* [Tu, porém, homem de Deus, permanece nas Sagradas Escrituras inspiradas por Deus, as que têm poder de dar sabedoria] (vv. 14 a-15 a-16 a-17 a).

<sup>326</sup> DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, p. 211.

<sup>327</sup> FABRIS, R. *Para Ler Paulo*, p. 120.

<sup>328</sup> “do anúncio do evangelho de Jesus Cristo Filho de Deus é realização das promessas de Deus contida nas Escrituras. Todo núcleo substancial do evangelho está contido em promessa na Escritura” (PESCE, M. *As Duas Faces da Pregação de Paulo*, p. 101).

<sup>329</sup> Cf. DUNN, J. D. G. *A Teologia do Apóstolo Paulo*, pp. 216-217. Em Paulo, na redação do seu epistolário “o querigma investe diretamente sobre a interpretação da Escritura” (PESCE, M. *As Duas Faces da Pregação de Paulo*, p. 111).

<sup>330</sup> “Essas ‘Sagradas Escrituras’, pois, são contrastadas com as fontes ‘estranhas’ utilizadas pelos gnósticos, com seus mitos, suas imaginações, suas religiões misteriosas e seus livros de mágica e encantamento” (CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, v. 5, p. 394).